

Candomblé



Apresentação

A palavra candomblé é sinônimo de religião africana. Sempre foi e é usada ainda neste sentido. Isto explica muitas coisas. Vejamos. O negro foi arrancado de sua terra e vendido como uma mercadoria, escravizado. Aqui ele chegou escravo, objeto; de sua terra ele partiu livre, homem. Na viagem, no tráfico, ele perdeu personalidade, representatividade, mas sua cultura, sua história, suas paisagens, suas vivências vieram com ele. Estas sementes, estes conhecimentos encontraram um solo, uma terra parecida com a África, embora estranhamente povoada. O medo se impunha, mas a fé, a crença - o que se sabia - exigia ser expresso. Surgiram os cultos (onilé - confundidos mais tarde com o culto do Caboclo, uma das primeiras versões do sincretismo), surgiu a raiva e a necessidade de ser livre. Apareceram os feitiços (ebós), os quilombos.

Os trezentos anos da história da escravidão do negro no Brasil, atestam, acima de tudo, a resistência, a organização dos negros. A cultura africana sobreviveu para o negro através de sua crença, de sua religião. O que se acredita, se deseja, é mais forte do que o que se vive, sempre que há uma situação limite. A religião, sua organização em terreiros (roças), foi como muito já se escreveu, a resistência negra. Resistiu-se por haver organização. A organização consigo mesmo. Cada negro tinha, ou sabia que seu avô teve, um farol, um guia, um orixá protetor.

No meio dos objetos traficados (os escravos) haviam jóias raras: Babalorixás e Iyalorixás. Estes sacerdotes, inteiros nas suas crenças, criaram a África no Brasil. Esta mágica, esta organização reestruturante só é possível de ser entendida se pensarmos no que é a iniciação, todo processo que implica e estabelece. A cana de açúcar do Senhor de Engenho era plantada por laôs recém saídos das camarinhas, dos roncós.

Enfocaremos neste trabalho o início das nações no Brasil, os Orixás, a música ritualística, as indagações religiosas dos céticos, explicação de alguns cultos, algumas lendas (Itans) e uma entrevista com uma adepta iniciada no culto Candomblecista, a fim de que o Candomblé possa ser esmiuçado em forma de não deixar dúvidas.

Delimitação do Objeto de Investigação

Antes de mais nada, o trabalho será focado exclusivamente para o culto aos ancestrais (Candomblé), com ramificações limitadas às principais nações (guetos) relacionados à ele, que são: Jeje, o Ketu e a Angola. Estas três nações são as mais difundidas, visto que são as que têm o maior número de adeptos. Cada nação é distinta, têm seus deuses próprios, que muitos insistem em assemelha-los à outros deuses de outras nações. Mas não há como haver associação, visto que todas vieram o início de seus cultos em diferentes localizações do continente Africano. Será discursado aqui o início da religião no Brasil, já que na África o culto ao Candomblé não existe da mesma forma como vemos no Brasil, mas sim um único e exclusivo culto aos antepassados, com muitas de suas raízes perdidas com o tempo, com a colonização e com as invasões de tribos rivais.

Cada tribo tem o seu Deus (o seu ancestral), que é cultuado por toda a tribo exclusivamente. Cada um tem uma função dentro do gueto, e todos servem sempre ao mesmo orixá. Quando há a perda do culto àquele Orixá, a tribo invadida que perdeu a guerra fica automaticamente fazendo parte da tribo vencedora, o que a faz perder sua originalidade e sua cultura.

No decorrer do texto será narrada a trajetória do candomblé na sua forma de agir, de pensar, no dia a dia de um terreiro, nas festas e nas reclusões. Nos momentos de felicidade e de dor. Da adoração e fé de seus seguidores.

Histórico

A cultura africana muito contribuiu para a construção da alma brasileira e o candomblé (palavra de origem yorubana que significa festa e que com o passar do tempo acabou por designar o conjunto de crenças religiosas das diversas etnias africanas reunidas no Brasil) é uma de suas manifestações demonstrando a sua sobrevivência através de crenças e de sua religião desde que foi trazido para o Brasil pelos negros quando aqui vieram na condição de escravos.

Apesar de terem a sua própria religião, sua prática lhes era proibida, por isso secretamente cultivavam seus rituais. Vez por outra quando eram surpreendidos pelos seus senhores diziam era estar cultuando os santos católicos e desta prática nasceu o sincretismo - herança do processo de colonização -.

Conforme a região a que pertença o candomblé possui várias subdivisões, na Bahia a predominante é o Keto, sendo que suas casas mais conhecidas são o Terreiro Do Gantois, Casa Branca e Ilê Opô Afonjá e a língua religiosa oficial é o Iorubá.

O candomblé possui rituais sagrados e secretos e vem tentando manter-se fiel à sua origem, podendo assim, preservar sua essência.

O objetivo das obrigações no candomblé é a obtenção de força ou axé (força que emana dos orixás e que precisa ser renovada). O sangue e os sacrifícios presentes nas oferendas são o princípio gerador da vida.

Além da vida, o candomblé também exalta as forças da natureza. As folhas, rios, mares e minerais são muito importantes.

Todo candomblé é dirigido por uma Ialorixá ou por um Babalorixá que são a autoridade máxima, conduzindo a vida espiritual, administrativa e podendo interferir também na vida pessoal dos seus fiéis. A linha de Ifá - a parte mágica do candomblé - se refere à adivinhação do futuro e aos trabalhos para a feitura do bem e do mal. Os Babalaô são o pai do segredo, e os Oluô, jogam búzios e o Dilogum - jogo de adivinhação.

Hierarquia

A hierarquia no candomblé é extremamente rígida.

A hierarquia civil é composta por doze Obás, que são ministros de Xangô, e que se dividem em Otum Obá - executivos com direito a voz e voto e os Ossi Obá - conselheiros -. A seguir temos os Ogãs, sócios da comunidade civil, com obrigações civis e religiosas e dentre eles os Pegigan encarregados da matança dos animais e os Ogâ Alabê encarregados dos atabaques.

O espaço aonde se realizam as principais cerimônias é o terreiro. Espaço geralmente amplo, formado por várias casinhas, cada uma pertencente a um orixá que por sua vez tem um toque único, danças próprias e roupas especiais. No terreiro, o pai ou a mãe de santo conduzem as cerimônias aonde as suas filhas de santo cantam e dançam ao som dos atabaques.

A construção do barracão geralmente é retangular, coberta de palmas. Acima da porta principal há um chifre de boi e uma cruz. Em seu interior encontra-se o altar, o espaço de destaque reservados aos tocadores, cadeiras para pessoas de destaque e bancos de madeira para os demais, sendo que em alguns terreiros homens e mulheres sentam-se separados.

As festas no candomblé tem início com a matança (sacrifício de animais para os orixás) sendo que neste ritual apenas participam os fiéis do candomblé. Cantam-se sete pontos para cada orixá a fim de chamá-los. Uma lalorixá traz na mão um adjá (espécie de sino) e o sacode para cada um que entra em transe mediúnico. Após todos os orixás terem incorporado são levados ao Roncó (quarto de santo) aonde são vestidos de acordo pelas ekedes ou pelos Ogãs, com trajes típicos do respectivo santo. Depois de prontos, a laloxirá inicia um cântico convidando-os a entrarem no barracão e dançarem. Todos os assistentes ficam de pé enquanto os santos fazem sua entrada triunfal. Assim, após esta entrada, cada santo abençoará as pessoas.

A Nação Jeje

A nação Jeje-mahín, do estado da Bahia, e a Jeje-mina, do Maranhão, derivaram suas tradições e língua ritual do ewê-fon, ou jêjes, como já eram chamados pelos nagôs, e suas divindades centrais são os Voduns. As tradições rituais Jeje foram muito importantes na formação dos candomblés com predominância lorubá.

AS TRADIÇÕES E RITUAIS JEJE

ORIGEM DA PALAVRA JEJÊ

ORIGEM DA PALAVRA DAOMÉ

DIALETOS FALADOS

OS PRIMEIROS NO BRASIL

VODUNS

FUNDADORES

OGANS

MINA JEJÊ

CURIOSIDADES

ORIGEM DA PALAVRA JEJE

A palavra JEJE vem do yorubá adjeje que significa estrangeiro, forasteiro. Portanto, não existe e nunca existiu nenhuma nação Jeje, em termos políticos (ou seja, como uma nação politicamente organizada, um país). O que é chamado de nação Jeje é o candomblé formado pelos povos fons vindo da região de Dahomé e pelos povos mahins. Jeje era o nome dado de forma pejorativa pelos yorubás para as pessoas que habitavam o leste, porque os mahins eram uma tribo do lado leste e Saluvá ou Savalu eram povos do lado sul. O termo Saluvá ou Savalu, na verdade, vem de "Savê" que era o lugar onde se cultuava Nanã. Nanã, uma das origens das quais seria Bariba, uma antiga dinastia originária de um filho de Oduduá, que é o fundador de Savê (tendo neste caso a ver com os povos fons). O Abomei ficava no oeste, enquanto Axantis era a tribo do norte. Todas essas tribos eram de povos Jeje.

ORIGEM DA PALVRA DAHOMÉ

A palavra DAHOMÉ, tem dois significados: Um está relacionado com um certo Rei Ramilé que se transformava em serpente e morreu na terra de Dan. Daí ficou "Dan Imé" ou "Dahomé", ou seja, aquele que morreu na Terra da Serpente. Segundo as pesquisas, o trono desse rei era sustentado por serpentes de cobre cujas cabeças formavam os pés que iam até a terra. Esse seria um dos significados encontrados: Dan = "serpente sagrada" e Homé = "a terra de Dan", ou seja, Dahomé = "a terra da serpente sagrada". Acredita-se ainda que o culto à Dan é oriundo do antigo Egito. Ali começou o verdadeiro culto à serpente, onde os Faraós usavam seus anéis e coroas com figuras de cobra. Encontramos também Cleópatra com a figura da cobra confeccionada em platina, prata, ouro e muitos outros adornos femininos. Então, posso dizer que este culto veio descendo do Egito até Dahomé.

DIALETOS FALADOS

Os povos Jejes se enumeravam em muitas tribos e idiomas, como: Axantis, Gans, Agonis, Popós, Crus etc. Portanto, teríamos dezenas de idiomas para uma tribo só, ou seja, todas eram Jeje, o que foge evidentemente às leis da lingüística - muitas tribos falando diversos idiomas, dialetos e cultuando os mesmos Voduns. As diferenças vinham, por exemplo, dos Minas - Gans ou Agonis, Popós que falavam a língua das Tobosses, que a meu ver, existe uma grande confusão com essa língua.

OS PRIMEIROS NO BRASIL

Os primeiros negros Jeje chegados ao Brasil entraram por São Luís do Maranhão e de São Luís desceram para Salvador, Bahia e de lá para Cachoeira de São Félix. Também ali, há uma grande concentração de povos Jeje. Além de São Luís (Maranhão), Salvador e Cachoeira de São Félix (Bahia), o Amazonas e bem mais tarde o Rio de Janeiro, foram lugares aonde encontram-se evidências desta cultura.

VODUNS

Muitos Voduns Jeje são originários de Ajudá. Porém, os cultos desses Voduns só cresceram no antigo Dahomé. Muitos desses Voduns não se fundiram com os orixás nagôs e desapareceram totalmente. O culto da serpente Dãng-bi é um exemplo, pois ele nasceu em Ajudá, foi para o Dahomé, atravessou o Atlântico e foi até as Antilhas.

Quanto a classificação dos Voduns Jeje, por exemplo, no Jeje Mahin tem-se a classificação do povo da terra, ou os Voduns Caviunos, que seriam os Voduns Azanssu, Nanã e Bessem. Temos, também, o Vodun chamado Ayzain (pronuncia-se Aizã) que vem da nata da terra. Este é um Vodun que nasce em cima da terra. É o Vodun protetor da Azan, onde Azan quer dizer "esteira", em Jeje. Achamos em outro dialeto Jeje, o dialeto Gans-Crus, também o termo Zenin ou Azeni ou Zani e ainda o Zoklé. Ainda sobre os Voduns da terra encontramos Loko. Ele apesar de estar ligado também aos astros e a família de Heviosso, também está na família Caviuno, porque Loko é árvore sagrada; é a gameleira branca, que é uma árvore muito importante na nação Jeje. Seus filhos são chamados de Lokossis. Agué, Azaká é também um vodun Caviuno.

A família Heviosso é encabeçada por Badë, Acorumbé, também filho de Sogbô, chamado de Runhó. Mawu-Lissá seria o orixá Oxalá dos yorubás. Sogbô também tem particularidade com o Orixá em Yorubá, Xangô, e ainda com o filho mais velho do Deus do trovão que seria Averequete, que é filho de Ague e irmão de Anaite. Anaite seria uma outra família que viria da família de Aziri, pois são as Aziris ou Tobossys que viriam a ser as Yabás dos Yorubás, achamos assim Aziri Tobossy. Estou falando do Jeje de um modo geral, não especificamente do Mahín, mas das famílias que englobam o Mahín e também outras famílias Jeje.

Como foi relatado, Jeje era um apelido dado pelos yorubás. Na verdade, esta família, ou seja, os que pertencemos a esta nação deveriam ser classificados de povo Ewe, que seria o mais certo. Ewe-Fon seria a nossa verdadeira denominação. Nós seríamos povos Ewe ou povos Fons. Então, se fôssemos pensar em alguma possibilidade de mudança, nós iríamos nos chamar, ao invés de nação Jeje, de nação Ewe-Fon. Somente assim estaríamos fazendo jus ao que é encontrado em solo africano. Jeje é então um apelido, mas assim ficamos para todas as nossas gerações classificados como povo Jeje, em respeito aos nossos antepassados.

Continuando com algumas nomenclaturas da palavra Ewe-Fon, por exemplo, a casa de candomblé da nação Jeje chama-se Kwe = "casa". A casa matricial em Cachoeira de São Félix chama-se Kwe Ceja Undê. Toda casa Jeje tem que ser situada afastada das ruas, dentro de florestas, onde exista espaço com árvores sagradas e rios. Depende das matas, das cachoeiras e depende de animais, porque o Jeje também tem a ver com os animais. Existem até cultos com os animais tais como, o leopardo, crocodilo, pantera, gavião e elefante que são identificados com os Voduns. Então, este espaço sagrado, este grande sítio, esta grande fazenda onde fica o Kwe chama-se Runpayme, que quer dizer

"fazenda" na língua Ewe-Fon. Sendo assim, a casa chama-se Kwe e o local onde fica situado o candomblé, Runpayme. No Maranhão predomina o culto às divindades como Azoanador e Tobosses e vários Voduns onde a "sacerdotisa" é chamada Noche ou Doné e o cargo masculino, Toí Voduno ou ainda Doté.

FUNDADORES

Voltando a falar sobre "Kwe Ceja Undê", esta casa como é chamada em Cachoeira de São Félix de "Roça de Baixo" foi fundada por escravos como Manoel Ventura, Tixerem, Zé do Brechó e Ludovina Pessoa. Ludovina Pessoa era esposa de Manoel Ventura, que no caso africano é o dono da terra. Eles eram donos do sítio e foram os fundadores da Kwe Ceja Undê. Essa Kwe ainda seria chamada de Posehen (pronuncia-se Pozerren), que vem de Kipó, "pantera".

Darei um pequeno relatório dos criadores do Posehen Tixarene que seria o primeiro Pejigã da roça; e Ludovina, pessoa que seria a primeira Gaiacú. A roça de cima que também é em Cachoeira é oriunda do Jeje Dahomé, ou seja, uma outra forma de Jeje. Estou falando do Mahin, que era comandada por Sinhá Romana que vinha a ser "Irmã de santo" de Ludovina Pessoa (esta última mais tarde assumiria o cargo de Gaiacú na Kwe de Boa Ventura). Mas, pela ordem temos Manoel Ventura, que seria o fundador, depois viria Sinhá Pararase, Sinhá Balle e atualmente Gamo Lokossi. O Kwe Ceja Undê encontra-se em controvérsia, ou seja, Gamo Lokossi é escolhida por Sinhá Pararase para ser a verdadeira herdeira do trono e Gaiacú Aguéssi, que seria Elisa Gonçalves de Souza, vem a ser a dona da terra atualmente. Ela pertence a família Gonçalves, os donos da terra. Assim, temos os fundadores da Kwe Ceja Undê.

Aqui, no Rio de Janeiro, saindo de Cachoeira de São Félix, Tata Fomutinho deu obrigação com Maria Angorense, conhecida como Kisinbi Kisinbi (angola), ou Ahum Simi Simi (Jeje), como querem outros. Uma das curiosidades encontradas durante minha pesquisa sobre Jeje é o que chamamos de Deká, que na verdade vem do termo idecar, do termo fon iidecar, que quer dizer "transmissão de segredo". Esse ritual é feito quando uma Gaiacú passa os segredos da nação Jeje para futura Gaiacú pois, na nação Jeje não se tem notícias, que possa ter havido "Pai de santo". O cargo de sacerdotisa ou "Mãe de santo" era exclusivamente das mulheres. Só as mulheres poderiam ser Gaiacús.

OGAN

Os cargos de Ogan na nação Jeje são assim classificados: Pejigan que é o primeiro Ogan da casa Jeje. A palavra Pejigan quer dizer "Senhor que zela pelo altar sagrado", porque Peji = "altar sagrado" e Gan = "senhor". O segundo é o Runtó que é o tocadour do atabaque Run, porque na verdade os atabaques Run, Runpi e Lé são Jeje. No Ketu, os atabaques são chamados de Ilú. Há também outros Ogans como Gaipé, Runsó, Gaitó, Arrow, Arrontodé, etc.

Podemos ver que a nação Jeje é muito particular em suas propriedades. É uma nação que vive de forma independente em seus cultos e tradições de raízes profundas em solo africano e trazida de forma fiel pelos negros ao Brasil.

JEJE MINA

Em 1796, foi fundado no Maranhão o culto Mina Jeje pelos negros fons vindos de Abomey, a então capital de Dahomé, como relatei anteriormente, atual República Popular de Benin.

A família real Fon trouxe consigo o culto de suas divindades ancestrais, chamados Voduns e, principalmente, o culto à Dan ou o culto da Serpente Sagrada.

Uma grande Noche ou Sacerdotisa, posteriormente, foi Mãe Andresa, última princesa de linhagem direta Fon que nasceu em 1850 e morreu em 1954, com 104 anos de vida.

Aqui, alguns nomes dos Deuses Voduns:

- *Ayzan - Vodun da nata da terra
- *Sogbô - Vodun do trovão da família de Heviossô
- *Aguê - Vodun da folhagem
- *Loko - Vodun do tempo

CURIOSIDADES

*A primeira Casa Jeje no Rio de Janeiro foi, em 1848, de D.Rozena, cuja filha de santo foi D.Adelaide Santos

*Ekede - termo Jeje

*Doné - cargo feminino na casa Jeje, similar à Yalorixá

*Doté - cargo ilustre do filho de Sogbô

Os Vodunsis da família de Dan são chamados de Megitó, enquanto que da família de Kaviuno, do sexo masculino, são chamados de Doté; e do sexo feminino, de Doné.

Os cumprimentos ou pedidos de bençãos entre os iniciados da família de Dan seria "Megitó Benói?" Resposta: "Benói"; e aos iniciados da família Kaviuno, ou seja, Doté e Doné seria "Doté Ao?" Resposta: "Aótin".

O termo usado "Kolofé", cuja resposta é "Kolofé, Olorun Kolofé" vem da fusão das Nações de Jeje e de Ketu.

A Nação Ketu

..."Várias mulheres enérgicas e voluntariosas, originárias de Ketu, antigas escravas libertas, pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Igreja da Barroquinha, teriam tomado a iniciativa de criar um terreiro de candomblé chamado Iya Omi Axé Airá Intilé, numa casa situada na Ladeira do Berquó, hoje rua Visconde de Itaparica, próxima à Igreja da Barroquinha... Os nomes destas mulheres são eles mesmos controversos. Duas delas chamadas Iyalussô Danadana e Iyanassô Akalá, segundo alguns, auxiliadas por um certo Babá Assiká, saudado como Essá Assiká no Padê, teriam sido as fundadoras do terreiro Axé Airá Intilé. Iyalusso Danadana, segundo consta, regressou à África e lá morreu. Iyanassô teria, pelo seu lado, viajado para Ketu, acompanhada de Marcelina da Silva. Não se sabe, exatamente, se esta era sua filha de sangue, ou filha espiritual - quer dizer, iniciada por ela no culto dos Orixás - ou, ainda, se tratava de uma prima sua. As opiniões sobre o assunto são divergentes e tornam-se objeto de eruditas discussões, estando, porém, todos de acordo em declarar que seu nome de iniciada era Obatossí.

Marcelina-Obatossí fez-se acompanhar nesta viagem por sua filha Madalena. Após sete anos de permanência em Kétu, o pequeno grupo voltou acrescido de duas crianças que Madalena tinha tido na África e grávida de uma terceira, Claudiana, que será, por sua vez, mãe de Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora, Oxunmiwá...

...O terreiro fundado por trás da Barroquinha mudou-se por diversas vezes e, após haver passado pelo Calabar, Baixa de São Lázaro, instalou-se sob o nome de Ile Iyanassô, no local onde ainda hoje se encontra, sendo familiarmente chamado de Casa Branca do Engenho Velho, no qual Marcelina- Obatossí tornou-se Mãe de Santo, após a morte de Iyanassô" (Vide Notas Sobre Cultos de Orixás e Voduns da Bahia – Verger, Pierre Fatumbi)

Pelo descrito pelos babalorixás e Yalorixás ancestrais, teria sido esta a primeira casa de candomblé de Kétu estabelecida no Brasil, tendo dela surgido outras como o Iya Omi Axé Iya-Massê (Gantois) e Centro Cruz Santa do Axé de Opô Afonjá.

A Nação Angola

Pelo sul do domínio kongoles, entre o curso do Dande (rio), e as águas do Longa (rio), e a partir da costa até o rio Kuango, estendiam-se os Ambundu. Incluem os povos que formaram o antigo reino de Angola, concentrando-se nas terras da Matamba onde tomaram o nome de Ambundu, que quer dizer vencedor. Angola foi descoberta em 1486, pelo navegador português Diogo Cão, e está situada na costa ocidental da África.

O conquistador de Ndongo, nome do primeiro reino, chamava-se Ngola Nzinga ia Nku. Um chefe vassalo do Kongo e descendente em terceira geração do Mani Kongo (rei), Nimi ia Lukeni. O qual conquistou a região, erigiu em reino dando-lhe o seu nome ou título, que é documentado em português já no início do séc. XVI.

Destas invasões ambundu do vale Kambo, alcançando Matamba, o chefe Jaga Ngola Nzinga ia Nku, conquistou terras de Ndongo, que vieram a constituir o Reino de Angola, onde mais tarde, a rainha Tumba ia Ngola, casou-se com o grande guerreiro e autoridade divina Ngola Kiluanji Kiá Samba, cujo nome é dado ao País até hoje.

O grupo Ambundu hoje denominado Kimbundu, é em realidade, um grupo lingüístico constituído por Dembo, Ngola Mahungo, Njinga, Holo, Bondo, Bangala, Songo, kisama, Libolo, Muako, Musende, Xinji, Kavungo e Minungu, sendo estas duas ultimas tribos, originárias do velho grupo Luanda-Kioko.

A língua Kikongo, prolonga-se até o noroeste da Luanda junto a Kuango, na tribo Musuku, parente dos Kongoleses no sangue e na cultura, existindo uma afinidade muito forte com o Kimbundu. (A Matamba era chamada de Kitamba, que quer dizer braseiro. Como os que cultuavam a divindade guerreira, Kitamba, viviam em uma terra de muitas guerras, passaram a chama-la de Matamba, ou seja este nome foi originado de Kitamba)

Situação Geográfica

Candomblés das nações Jeje e Ketu presenciados para a pesquisa:

Jeje – Visita ao Kwe Ceja Undelemin – Madureira - RJ – Cerimônia de Saída de Yawo do Vodun Aziri Tobossy.

Ketu – Visita ao Ilê Axé Tóná – Carobinha, Campo Grande – RJ – Cerimônia de saída de Yawo do Orixá Oxaguiã.

Entrevista com a Yalorixá Juliana de Azawane, em seu Kwe Ceja Undèláyè, no bairro de Jardim Guanabara, Ilha do Governador – RJ.

Iniciação no candomblé Kétu

O sacerdócio e organização dos ritos para o culto dos Orixás são complexos, com todo um aprendizado que administra os padrões culturais de transe, pelo qual os deuses se manifestam no corpo de seus iniciados durante as cerimônias para serem admirados, louvados, cultuados. Os iniciados, filhos e filhas-de-santo (yawo, em linguagem ritual), também são popularmente denominados "cavalos dos deuses" uma vez que o transe consiste basicamente em mecanismo pelo qual cada filho ou filha se deixa cavalgar pela divindade, que se apropria do corpo e da mente do iniciado, num modelo de transe inconsciente bem diferente daquele do kardecismo, em que o médium, mesmo em transe, deve sempre permanecer atento à presença do espírito. O processo de se transformar num "cavalo" é uma estrada longa, difícil e cara, cujos estágios na "nação" Ketu podem ser assim sumariados: Para começar, a mãe-de-santo deve determinar, através do jogo de búzios, qual é o Orixá dono da cabeça daquele indivíduo (Braga, 1988). Ele ou ela recebe então um fio de contas sacralizado, cujas cores simbolizam o seu Orixá, dando-se início a um longo aprendizado que acompanhará o mesmo por toda a vida. A primeira cerimônia privada a que a noviça (abiã) é submetida consiste num sacrifício votivo à sua própria cabeça (borí), para que a cabeça possa se fortalecer e estar preparada para algum dia receber o Orixá no transe de possessão.

Para se iniciar como cavalo dos deuses, a abiã precisa juntar dinheiro suficiente para cobrir os gastos com as oferendas (animais e ampla variedade de alimentos e objetos), roupas cerimoniais, utensílios e adornos rituais e demais despesas suas, da família-de-santo, e eventualmente de sua própria família durante o período de reclusão iniciática em que não estará, evidentemente, disponível para o trabalho no mundo profano.

Como parte da iniciação, a noviça permanece em reclusão no terreiro por um número em torno de 21 dias. Na fase final da reclusão, uma representação material do Orixá do iniciado (assentamento ou igbá-Orixá) é lavada com um preparado de folhas sagradas trituradas (abô). A cabeça da noviça é raspada e pintada, assim preparada para receber o Orixá no curso do sacrifício então oferecido (orô). Dependendo do Orixá, alguns dos animais seguintes podem ser oferecidos: cabritos, ovelhas, pombas, galinhas, galos, caramujos. O sangue é derramado sobre a cabeça da noviça, no assentamento do Orixá e no chão do terreiro, criando este sacrifício um laço sagrado entre a noviça, o seu Orixá e a comunidade de culto, da qual a mãe-de-santo é a cabeça. Durante a etapa das cerimônias iniciáticas em que a noviça é apresentada pela primeira vez à comunidade, seu Orixá grita seu nome, fazendo-se assim reconhecer por todos, completando-se a iniciação como Yawo (iniciada jovem que "recebe" Orixá). O Orixá está pronto para ser festejado e para isso é vestido e paramentado, e levado para junto dos atabaques, para dançar, dançar e dançar.

No candomblé sempre estão presentes o ritmo dos tambores, os cantos, a dança e a comida (Motta, 1991). Uma festa de louvor aos Orixá (toque) sempre se encerra com um grande banquete comunitário (ajeum, que significa "vamos

comer"), preparado com carne dos animais sacrificados. O novo filho ou filha-de-santo deverá oferecer sacrifícios e cerimônias festivas ao final do primeiro, terceiro e sétimo ano de sua iniciação. No sétimo aniversário, recebe o grau de senioridade (Ûgbĩnmì, que significa "meu irmão mais velho"), estando ritualmente autorizado a abrir sua própria casa de culto. Cerimônias sacrificiais são também oferecidas em outras etapas da vida, como no vigésimo primeiro aniversário de iniciação. Quando o Ûgbĩnmì morre, rituais fúnebres (axêxê) são realizados pela comunidade para que o Orixá fixado na cabeça durante a primeira fase da iniciação possa desligar-se do corpo e retornar ao mundo paralelo dos deuses (Îrun) e para que o espírito da pessoa morta (egún) liberte-se daquele corpo, para renascer um dia e poder de novo gozar dos prazeres deste mundo.

Ritual e ética

O candomblé opera em um contexto ético no qual a noção judaico-cristã de pecado não faz sentido. A diferença entre o bem e o mal depende basicamente da relação entre o seguidor e seu deus pessoal, o Orixá. Não há um sistema de moralidade referido ao bem-estar da coletividade humana, pautando-se o que é certo ou errado na relação entre cada indivíduo e seu Orixá particular. A ênfase do candomblé está no rito e na iniciação, que, como se viu brevemente, é quase interminável, gradual e secreta. O culto demanda sacrifício de sangue animal, oferta de alimentos e vários ingredientes. A carne dos animais abatidos nos sacrifícios votivos é comida pelos membros da comunidade religiosa, enquanto o sangue e certas partes dos animais, como patas e cabeça, órgãos internos e costelas, são oferecidas aos Orixás. Somente iniciados têm acesso a estas cerimônias, conduzidas em espaços privativos denominados quartos-de-santo. Uma vez que o aprendizado religioso sempre se dá longe dos olhos do público, a religião acaba por se recobrir de uma aura de sombras e mistérios, embora todas as danças, que são o ponto alto das celebrações, ocorram sempre no barracão, que é o espaço aberto ao público.

A Música

As celebrações de barracão, os toques, consistem numa seqüência de danças, em que, um por um, são honrados todos os Orixás, cada um se manifestando no corpo de seus filhos e filhas, sendo vestidos com roupas de cores específicas, usando nas mãos ferramentas e objetos particulares a cada um deles, expressando-se em gestos e passos que reproduzem simbolicamente cenas de suas biografias míticas. Essa seqüência de música e dança, sempre ao som dos tambores (chamados rum, rumpí e lê) é designada xirê, que em yorubá significa "vamos dançar". O lado público do candomblé é sempre festivo, bonito, esplendoroso, esteticamente exagerado para os padrões europeus e extrovertido.

Para o grande público, desatento para o difícil lado da iniciação, o candomblé é visto como um grande palco em que se reproduzem tradições afro-brasileiras igualmente presentes, em menor grau, em outras esferas da cultura, como a música e a escola de samba. Para o não iniciado, dificilmente se concebe que a cerimônia de celebração no candomblé seja algo mais que um eterno dançar dos deuses africanos.

Seguidores e clientes

O candomblé atende a uma grande demanda por serviços mágico-religiosos de uma larga clientela que não necessariamente toma parte em qualquer aspecto das atividades do culto. Os clientes procuram a mãe ou pai-de-santo para o jogo de búzios, o oráculo do candomblé, através do qual problemas são desvendados e oferendas são prescritas para sua solução. O cliente paga pelo jogo de búzios e pelo sacrifício propiciatório (ebó) eventualmente recomendado. O cliente em geral fica sabendo qual é o Orixá dono de sua cabeça e pode mesmo comparecer às festas em que se faz a celebração de seu Orixá, podendo colaborar com algum dinheiro no preparo das festividades, embora não se comprometa com a religião. O cliente sabe quase nada sobre o processo iniciático e nunca toma parte nele. Entretanto, ele tem uma dupla importância: Antes de mais nada, sua demanda por serviços ajuda a legitimar o terreiro e o grupo religioso em termos sociais. Segundo, é da clientela que provém, na maioria dos terreiros, uma substancial parte dos fundos necessários para as despesas com as atividades sacrificiais. Comumente, sacerdotes e sacerdotisas do candomblé que adquirem alto grau de prestígio na sociedade inclusiva gostam de nomear, entre seus clientes, figuras importantes dos mais diversos segmentos da sociedade.

Devotos das religiões afro-brasileiras podem cultuar também outras entidades que não os Orixás africanos, como os caboclos (espíritos de índios brasileiros) e encantados (humanos que teriam vivido em outras épocas e outros países). Durante o transe ritual, os caboclos conversam com seus seguidores e amigos, oferecendo conselhos e fórmulas mágicas para o tratamento de todos os tipos de problemas. A organização dos panteões de divindades africanas nos terreiros varia de acordo com cada nação de candomblé (Santos, 1992; M. Ferretti, 1993). Caboclos e pretos-velhos (espíritos de escravos) são centrais na umbanda, em que estas entidades têm papel mais importante no cotidiano da religião do que os próprios Òrìṣà.

III: Comportamento humano como herança dos Orixás

Segundo o candomblé, cada pessoa pertence a um deus determinado, que é o senhor de sua cabeça e mente e de quem herda características físicas e de personalidade. É prerrogativa religiosa do pai ou mãe-de-santo descobrir esta origem mítica através do jogo de búzios. Esse conhecimento é absolutamente imperativo no processo de iniciação de novos devotos e mesmo para se fazerem previsões do futuro para os clientes e resolver seus problemas. Embora na África haja registro de culto a cerca de 400 Orixás, apenas duas dezenas deles sobreviveram no Brasil. A cada um destes cabe o papel de reger e controlar forças da natureza e aspectos do mundo, da sociedade e da pessoa humana. Cada um tem suas próprias características, elementos naturais, cores simbólicas, vestuário, músicas, alimentos, bebidas, além de se caracterizar por ênfase em certos traços de personalidade, desejos, defeitos, etc. Nenhum Orixá é nem inteiramente bom, nem inteiramente mau. Noções ocidentais de bem e mal estão ausentes da religião dos Orixás no Brasil. E os devotos acreditam que os homens e mulheres herdaram muitos dos atributos de personalidade de seus Orixá, de modo que em muitas situações a conduta de alguém pode ser espelhada em passagens míticas que relatam as aventuras dos Orixás. Isto evidentemente legitima, aos olhos da comunidade de culto, tanto as realizações como as faltas de cada um.

Os Orixás

Vejamos abreviadamente algumas das características de personalidade mais usualmente atribuídas aos Orixás por seus seguidores:



Èxú - Deus mensageiro, divindade *trickster*, o trapaceiro. Em qualquer cerimônia é sempre o primeiro a ser homenageado, para se evitar que se enraiveça e atrapalhe o ritual. Guardião das encruzilhadas e das portas da rua. Sincretizado com o Diabo católico. Seus símbolos são um porrete fálico e tridentes de ferro. Os seguidores acreditam que as pessoas consagradas a Exú são inteligentes, sexy, rápidas, carnais, licenciosas, quentes, eróticas e sujas. Filhos de Exú gostam de comer e beber em demasia. Não se deve confiar nunca num filho ou numa filha de Exú. Eles são os melhores, mas eles decidem quando o querem ser. Não são dados ao casamento, gostam de andar sozinhos pelas ruas, bebendo e observando os outros para apanhá-los desprevenidos. Deve-se pagar a Exú com dinheiro,

comida, atenção sempre que se precise de um favor dele. Como o pai, filhos de Exu nunca fazem nada sem paga. A saudação a Exu é *Cobalarô Exu, Laroyê Amojubá!*

Orin fún Èsú

ESÙ fi ire bò wá o.
ÈLA fi ire bò wà yà yà.
ESÙ gbè ire ajè kò wá o.
ÈLA fi ire bò wà yà yà.
IYA-MÒGÚN fi ire bò wà o.
ÈLA fi ire bò wá yà yà.

ESU, faça nossas vidas plenas de coisas boas.
ÈLA, ponha muita sorte em nossas vidas.
ESU, ponha sorte e progresso em nossas vidas.
ÈLA, ponha muita sorte em nossas vidas.
IYA MOGUN, faça nossas vidas plenas de coisas boas.
ÈLA, ponha muita sorte em nossas vidas.

Oríkì ti Èsú

Èsù òta òrìsà.
Osétùrá ni oruko bàbá mò ó.
Alágogo ljà ni orúko ìyá npè é,
Èsù Òdàrà, omokùnrin Ìdólófin,
O lé sónsò sí orí esè elésè
Kò je, kò jé kí eni nje gbé mì,
A kii lówó láì mú ti Èsù kúrò,
A kii lóyò láì mú ti Èsù kúrò,
Asòntún se òsì láì ní ítijú,
Èsù àpáta sómo olómo lénu,
O fi okúta dípò iyò.
Lòogemo òrun, a nla kálù,
Pàápa-wàrá, a tóká máse sà,
Èsù máse mí, omo elòmíràn ni o se.

Tradução

Exú, o inimigo dos orixás.
Osétùrá é o nome pelo qual você é chamado por seu pai.

Alágogo ljà é o nome pelo qual você é chamado por sua mãe.
Exú Òdàrà, o homem forte de Ìdólófin,
Exú, que senta no pé dos outros.
Que não come e não permite a quem está comendo que engula o alimento.
Quem tem dinheiro, reserva para Exú a sua parte,
Quem tem felicidade, reserva para Exú a sua parte.
Exú, que joga nos dois times sem constrangimento.
Exú, que faz uma pessoa falar coisas que não deseja.
Exú, que usa pedra em vez de sal.
Exú, o indulgente filho de Deus, cuja grandeza se manifesta em toda parte.
Exú, apressado, inesperado, que quebra em fragmentos que não
se poderá juntar novamente,
Exú, não me manipule, manipule outra pessoa.

Lenda de como Esú torna-se o amigo predileto de Orunmilá

Como se explica a grande amizade entre Orunmilá e Exú, visto que eles são opostos em grandes aspectos?

Orunmilá, filho mais velho de Olorún, foi quem trouxe aos humanos o conhecimento do destino pelos búzios. Exu, pelo contrario, sempre se esforçou para criar mal-entendidos e rupturas, tanto aos humanos como aos Orixás. Orunmilá era calmo e Exu, quente como o fogo.

Mediante o uso de conchas adivinhas, Orunmilá revelava aos homens as intenções do supremo deus Olorún e os significados do destino. Orunmilá aplainava os caminhos para os humanos, enquanto Exu os emboscava na estrada e fazia incertas todas as coisas. O caráter de Orunmilá era o destino, o de Exu, era o acidente. Mesmo assim ficaram amigos íntimos.

Uma vez, Orunmilá viajou com alguns acompanhantes. Os homens de seu séqüito não levavam nada, mas Orunmilá portava uma sacola na qual guardava o tabuleiro e os Obis que usava para ler o futuro. Mas na comitiva de Orunmilá muitos tinham inveja dele e desejavam apoderar-se de sua sacola de adivinhação. Um deles mostrando-se muito gentil, ofereceu-se para carregar a sacola de Orunmilá. Um outro também se dispôs à mesma tarefa e eles discutiram sobre quem deveria carregar a tal sacola.

Até que Orunmilá encerrou o assunto dizendo: "Eu não estou cansado. Eu mesmo carrego a sacola". Quando Orunmilá chegou em casa, refletiu sobre o incidente e quis saber quem realmente agira como um amigo de fato. Pensou então num plano para descobrir os falsos amigos. Enviou mensagens com a notícia de que havia morrido e escondeu-se atrás da casa, onde não podia ser visto. E lá Orunmilá esperou.

Depois de um tempo, um de seus acompanhantes veio expressar seu pesar. O homem lamentou o acontecido, dizendo ter sido um grande amigo de Orunmilá e que muitas vezes o ajudara com dinheiro. Disse ainda que, por gratidão, Orunmilá lhe teria deixado seus instrumentos de adivinhar. A esposa de Orunmilá pareceu compreende-lo, mas disse que a sacola havia desaparecido. E o homem foi embora frustrado.

Outro homem veio chorando, com artimanha pediu a mesma coisa e também foi embora desapontado. E assim, todos os que vieram fizeram o mesmo pedido. Até que Exu chegou.

Exu também lamentou profundamente a morte do suposto amigo. Mas disse que a tristeza maior seria da esposa, que não teria mais pra quem cozinhar. Ela concordou e perguntou se Orunmilá não lhe devia nada. Exu disse que não. A esposa de Orunmilá persistiu, perguntando se Exu não queria a parafernália de adivinhação. Exu negou outra vez. Aí Orunmilá entrou na sala, dizendo: "Exu, tu és sim meu verdadeiro amigo!". Depois disso nunca teve amigos tão íntimos, tão íntimos como Exu e Orunmilá.



Ògún - Deus da guerra, do ferro, da metalurgia e da tecnologia. Sincretizado com Santo Antônio e São Jorge. É o Òrìṣà que tem o poder de abrir os caminhos, facilitando viagens e progressos na vida. Os estereótipos mostram os filhos de Ògún como teimosos, apaixonados e com certa frieza racional. Eles são muito trabalhadores, especialmente moldados para o trabalho manual e para as atividades técnicas. Embora eles usualmente façam qualquer coisa por um amigo, os filhos e filhas de Ògún não sabem amar sem machucar: despedaçam corações. Acredita-se que sejam muito bem dotados sexualmente, tanto quanto os filhos de Èṣù, irmão de Ògún. Embora eles possam ter muitos interesses, os filhos de Ògún preferem as coisas práticas, detestando qualquer trabalho intelectual. Eles dão bons guerreiros, policiais, soldados, mecânicos, técnicos. Saudação: *Ògún è!*

Lenda que Ogum dá ao homem o segredo do ferro

Na Terra criada por Obatalá, em Ifé, os orixás e os seres humanos trabalhavam e viviam em igualdade. Todos caçavam e plantavam usando frágeis instrumentos feitos de madeira, pedra ou metal mole. Por isso o trabalho exigia grande esforço. Com o aumento da população de Ifé, a comida andava escassa. Era necessário plantar uma área maior.

Os orixás então se reuniram para decidir como fariam para remover as árvores do terreno e aumentar a área de lavoura. Ossain, o orixá da medicina, dispôs-se a ir primeiro e limpar o terreno. Mas seu facão era de metal mole e ele não foi bem sucedido. Do mesmo modo que Ossain, todos os outros Orixás tentaram, um por um, e fracassaram na tarefa de limpar o terreno para o plantio. Ogun, que conhecia o segredo do ferro, não tinha dito nada até então. Quando todos os outros Orixás tinham fracassado, Ogun pegou seu facão, de ferro, foi até a mata e limpou o terreno. Os Orixás, admirados, perguntaram a Ogun de que material era feito tão resistente facão. Ogun respondeu que era o ferro, um segredo recebido de Orunmilá. Os Orixás invejaram Ogun pelos benefícios que o ferro trazia, não só à agricultura, como à caça e até mesmo à guerra.

Por muito tempo os Orixás importunaram Ogun para saber do segredo do ferro, mas ele mantinha o segredo só para si. Os Orixás decidiram então oferecer-lhe o reinado em troca do que ele lhes ensinasse tudo sobre aquele metal tão resistente. Ogun aceitou a proposta. Os humanos também vieram a Ogun pedir-lhe o conhecimento do ferro. E Ogun lhes deu o conhecimento da forja, até o dia em que todo caçador e todo guerreiro tiveram sua ança de ferro. Mas, apesar de Ogun ter aceitado o comendo dos Orixás, antes de mais nada, ele era um caçador. Certa ocasião, saiu para caçar e passou muitos dias fora

numa difícil temporada. Quando voltou da mata, estava sujo e maltrapilho. Os Orixás não gostaram de ver seu líder naquele estado. Eles o desprezaram e decidiram destituí-lo do reinado. Ogun se decepcionou com os Orixás, pois, quando precisaram dele para o segredo da forja, eles o fizeram rei e agora dizem que não era digno de governá-los. Então Ogun banhou-se, vestiu-se com folhas de palmeira desfiadas, pegou suas armas e partiu. Num lugar distante chamado Irê, construiu uma casa embaixo da árvore de Acocô e lá permaneceu. Os humanos que receberam de Ogun o segredo do ferro não o esqueceram. Todo mês de dezembro, celebravam a festa de Uidê Ogun. Caçadores, guerreiros, ferreiros e muitos outros fazem sacrifícios em memória de Ogun. Ogun é o senhor do ferro para sempre.

ÀDÚRÀ FÚN ÒGÚN

(Súplica)

Ògún aláká ayé.

Ògún, Senhor de todo o universo.

Osìn imólè.

Líder dos espíritos.

O ní omi sílé fi èjè,

Tem água em casa mas toma banho com sangue,

Má fi èjè mi wè.

não se banhe com meu sangue.

Ògún aláká ayé má je a ri o,

Ògún Senhor de todo o universo, livra-nos de experimentar sua furia

Nígbà to sòro.

nos momentos de dificuldade.

Kí kú paramó.

Que a morte,

Kí àrùn paradà.

que a doença,

Nílé wa o.

desapareçam de nossa casa.

Àse, àse, àse.



Oxóssi- Deus da caça. Sincretizado com São Jorge e São Sebastião. Orixá da fartura. Seus filhos são elegantes, graciosos, xeretas, curiosos e solitários. Embora dêem bons pais e boas mães, têm sempre dificuldade com o ser amado. São amigáveis, pacientes e muitas vezes ingênuos. Os filhos de Oxóssi têm aparência jovial e parece que estão sempre à procura de alguma coisa. Não conseguem ser monogâmicos. Têm de caçar noite e dia. Por isso são considerados irresponsáveis. De fato, eles se sentem livres para quebrar qualquer compromisso que não lhes agrade mais. Dificilmente eles se sentem obrigados a comparecer a um encontro marcado, quando outra coisa mais interessante cruza o seu caminho. *Okè arò Arole!*

Lenda de Oxóssi

Há muitos anos, uma preta, sentada num toco de árvore, contava que todos os dias, pela manhã, Oxossi conduzia o gado para o pasto. A caminho do pasto, deslocando-se por uma estrada poeirenta, passavam obrigatoriamente, pela porta do cemitério. Ao chegarem ao pasto, Oxossi contava o gado, e por duas vezes deu falta de uma cabeça. Oxossi procurou saber o que havia acontecido, sem, no entanto, descobrir como se dera o desaparecimento dos dois animais.

Naquele dia, ele vinha cansado, e o gado também, e, por isso, resolveu parar no cemitério. Meteu a mão numa tina, encheu de água e, defronta à porta, viu uns Babá Egungun, todos em cima do muro, tentando atacar o gado. Só aí é que percebeu a causa da falta dos animais. Ao mesmo tempo, também, verificou que à medida que o gado acabava de beber a água, punha a língua para fora, mugia e balançava o rabo, e que, com isso, os animais faziam medo aos Bábá Egungun, pois eles corriam todas as vezes que os rabos balançavam e a língua era posta para fora.

Oxossi passou, daí em diante, a trazer sempre na mão um eruexim, que é, nada mais, nada menos, que um rabo de boi, para espantar Egungun. Logo em seguida, houve uma festa, na qual os orixás trocaram prendas e oferendas, quando Oxossi deu o eruexim a Oyá, porque ela era uma das pessoas que cuidavam dos Bábá Egungun. E até hoje, nos terreiros, o eruexim é considerado um espanta Egungun, e como tal faz parte das ferramentas de Oyá, e é ferramenta de Oxossi, que foi que descobriu.

Odé, Òrìsà da Caça e da Fartura

Em tempos distantes, Odùdùwa, Oba de Ifé, diante do seu Palácio Real, chefiava o seu povo na festa da colheita dos inhames. Naquele ano a colheita havia sido farta, e todos em homenagem, deram uma grande festa comemorando o acontecido, comendo inhame e bebendo vinho de palma em grande fartura.

De repente, um grande pássaro, (èlèye), pousou sobre o Palácio, lançando os seus gritos malignos, e lançando fardas de fogo, com intenção de destruir tudo que por ali existia, pelo fato de não terem oferecido uma parte da colheita as Àjès (feiticeira, portadoras do pássaro), personificando seus poderes através de *Ìyami Òsóróngà*. Todos se encheram de pavor, prevendo desgraças e catástrofes. O Obá então mandou buscar *Osotadotá*, o caçador das 50 flechas, em Ilarê, que, arrogante e cheio de si, errou todas as suas investidas, desperdiçando suas 50 flechas.

Chamou desta vez, das terras de Moré, *Osotogi*, com suas 40 flechas. Embriagado, o guerreiro também desperdiçou todas suas investidas contra o grande pássaro.

Ainda foi, convidado para grande façanha de matar o pássaro, das distantes terras de Idô, *Osotogum*, o guardião das 20 flechas. Fanfarrão, apesar da sua grande fama e destreza, atirou em vão 20 flechas, contra o pássaro encantado e nada aconteceu.

Por fim, já com todos sem esperança, resolveram convocar da cidade de Ireman, *Òsotokànsosó*, caçador de apenas uma flecha. Sua mãe Yemonjá sabia que as èlèye viviam em cólera, e nada poderia ser feito para apaziguar sua fúria a não ser uma oferenda, vez que três dos melhores caçadores falharam em suas tentativas. Yemonjá foi consultar Ifá para *Òsotokànsosó*.

Foi consultar os Bàbálàwo. Eles disseram que faça oferendas. Eles dizem que Yemonjá prepare ekùjébú (grão muito duro) naquele dia. Eles dizem que tenha também um frango òpìpì (frango com as plumas crespas). Eles dizem que tenha èkó (massa de milho envolta em folhas de bananeira).

Eles dizem que Yemonjá tenha seis kauris. Yemonjá faz então assim, pediram ainda que, oferecesse colocando sobre o peito de um pássaro sacrificado em intenção. Eles dizem que ofereça em uma estrada, dizem que recite o seguinte: "Que o peito da ave receba esta oferenda".

Neste exato momento, o seu filho disparava sua única flecha em direção ao pássaro, esse abria sua guarda recebendo a oferenda ofertada por Yemonjá, recebendo também a flecha serteira e mortal de *Òsotokànsosó*.

Todos após tal ato, começaram a dançar e gritar de alegria: "òsòòsì! òsòòsì!" (caçador do povo). A partir desse dia todos conheceram o maior guerreiro de todas as terras, foi referenciado com honras e carrega seu título até hoje. òsòòsì.



Obaluaíyè ou **Omólú** - Deus da varíola, das pragas e doenças. É relacionado com todo o tipo de mal físico e suas curas. Associado aos cemitérios, solos e subsolos. Sincretizado com São Lázaro e São Roque. Seus filhos aparentam um aspecto deprimido. São negativos, pessimistas, inspirando pena. Eles parecem pouco amigos, mas é porque são tímidos e envergonhados. Seja amigo de um deles e você descobrirá que tudo o que eles precisam para ser as melhores pessoas do mundo é de um pouco de atenção e uma pitada de amor. Quando envelhecem, alguns se tornam sábios, outros parecem completos idiotas. É que apenas querem ficar sozinhos. *Atôô Ajuberu!*

Oríkì fún Obàlúwàìyè

Òrìsà jìngbìnì
Orixá forte

Abàtà, arú bí ewé ajó.
Abàtà que floresce como as folhas de ajó.

Òrìsà tí nmú omo mú ìyá
Orixá que pune a mãe junto com o filho

Bí Obàlúwàìyè bá mú wòn tán
Depois que Obàlúwàìyè acabar de pegá-los

O tún lè sàré ló mú bàbá
Poderá ir pegar o pai

Òrìsà bí ajé
Orixá igual feiticeiro

Obàlúwàìyè mọ ilé osó, o mọ ilé àjé
Obàlúwàìyè conhece tanto a casa do feiticeiro, quanto a casa da bruxa

O gbá osó l'ójú
Desafiou o feiticeiro

Osó kún fínrínfínrín.
E este correu desesperado.

O pa àjé ku ìkan soso

Matou todas as bruxas e só permitiu que uma sobrevivesse

Òrìsà jìngbìnì
Orixá forte,

Obàlúwàiyé a mú ni toùn toùn
Obàlúwàiyé que faz as pessoas perderem a voz

Obàlúwàiyé sí odù rẹ hàn mí
Obàlúwàiyé abraça seu odù para mim

Kí ndi olówó
Para que eu seja uma pessoa próspera

Kí ndi olomo.
Para que eu seja uma pessoa fértil.

Àsẹ, àsẹ, àsẹ. (*Assim seja*).

OMULU GANHA AS PÉROLAS DE IEMANJÁ

Omulu foi salvo por Iemanjá quando sua mãe, Nanã Burucu, ao vê-lo doente, coberto de chagas, purulento, abandonou-o numa gruta perto da praia. Iemanjá recolheu Omulu e o lavou com a água do mar. O sal da água secou suas feridas. Omulu tornou homem vigoroso, mas ainda carregava as cicatrizes, as marcas feias da varíola. Iemanjá confeccionou para ele uma roupa toda de ráfia. E com ele escondia as marcas de suas doenças.

Ele era um homem poderoso.

Andava pelas aldeias e por onde passava, deixava um rastro ora de cura, ora de saúde, ora de doenças. Mas continuava sendo um homem pobre.

Iemanjá não se conformava com a pobreza do filho adotivo.

Ela pensou:

"Se dei a ele a cura, a saúde, não posso deixar que seja sempre um homem pobre." Ficou imaginando quais riquezas poderia dar a ele.

Iemanjá era a dona da pesca, tinha os peixes, os polvos, os caramujos, as conchas, os corais.

Tudo aquilo que dava vida ao oceano pertencia a sua mãe, Olocum e ela dera tudo a Iemanjá. Iemanjá resolveu então ver suas jóias.

Tinha algumas, mas enfeitava-se mesmo era com algas.

Ela enfeitava-se com a água do mar, vestia-se de espuma.

Ela adornava-se com o reflexo de Oxu, a Lua.

Mas Iemanjá tinha uma grande riqueza, e essas riquezas eram as pérolas, que as ostras fabricavam para ela.

Iemanjá, muito contente com sua lembrança, chamou Omulu e lhe disse:

"De hoje em diante, és tú quem cuidas das pérolas do mar.

Serás assim chamado de Jeholu, o Senhor das Pérolas".

Por isso as pérolas pertencem a Omulu.

Por baixo de sua roupa de ráfia, enfeitando seu corpo marcado de chagas, Omulu ostenta colares e mais colares de pérolas, belíssimos colares."

ITAN TI OBÀLUÀÌYÉ

Certo dia de festa, todos os orixás estavam dançando, Omolu ficara timidamente parado na porta. Ogun, então, perguntou a Nanan:

“Meu irmão está lá fora, não vem dançar. Porquê?”

Nanan explicou que tinha medo de aparecer em publico por causa das pústulas.

Ogun, então resolveu o problema, intimou Omolu a acompanhá-lo até a floresta, onde teceu para ele uma roupa para que Omolu, assim disfarçado, tivesse coragem para entrar na sala sem medo de ser automaticamente rejeitado.

O estratagema, porém não foi tão bem sucedido. Muita gente tinha visto Ogun sair para ir até Omolu antes de se aproximar trazendo uma figura misteriosa. Temiam dançar com a figura, pois ela estaria carregada de pestes, poderia contaminá-los, talvez. O Senhor da varíola era uma espécie de pária.

Tinham nojo. Somente Oyá, a deusa dos ventos ativa e corajosa, concordou em acompanhá-lo. Dançou com Omolu e junto com eles, turbilhão de ventos. E os ventos levantaram as vestes dele.

Todos presentes, com espanto, puderam verificar então que, abaixo do filá, se escondia o rosto e o corpo de um homem belíssimo, sem defeito algum.

Oxum está despeitada até hoje. E, em recompensa pelo seu gesto, Oyá recebeu de Omolu o poder de reinar sobre os mortos.

Mas Omolu dança sozinho doravante.



Xangô - Deus do trovão e da justiça. Sincretizado com São Jerônimo. Seus filhos se dão bem em atividades e assuntos que envolvem justiça, negócios e burocracia. Sentem que nasceram para ser reis e rainhas, mas usualmente acabam se comportando como plebeus. São teimosos, resolutos e glutões; gananciosos por dinheiro, comida e poder. Uma pessoa de Xangô gosta de se mostrar com muitos amantes, embora não sejam reconhecidos como pessoas capazes de grandes proezas sexuais. Vivem para lutar e para envolver as pessoas que o cercam na sua própria e interminável guerra pessoal. Gostam de criar suas famílias, protegendo seus rebentos além do usual. Por isso são muito bons amigos e excelentes pais. *Obanixé Kaô kabiesile!*

Lenda de Xangô

Odùdùà, um guerreiro que vinha de uma cidade do Leste, invadiu com seu exército a capital do povo chamado Ifé. Esta cidade depois se chamou Ilê-Ifé, quando Odùdùà se tornou seu governante.

Odùdùà tinha um filho chamado Acambi e Acambi teve sete filhos e seus filhos ou netos foram reis de cidades importantes.

A primeira filha deu-lhe um neto que governou Egbá, a segunda foi mãe do Alaketo, o rei de Keto, o terceiro filho foi coroado rei da cidade de Benim, o quarto foi Orungã, que veio a ser rei de Ilê-Ifé, o quinto filho foi soberano de Xabes, o sexto, rei de Popôs, e o sétimo foi Oraniã, que foi rei de Oyó.

Esses príncipes eram vassalos do rei de Ilê-Ifé, que então se transformou no centro de um grande império, cujo nome era Oyó. Odùdùà era o grande rei de Oyó. Ele unificou as mais importantes cidades daquela região, mais tarde conhecida como sendo a terra dos yorubás.

Em cada cidade ele pôs no trono um parente seu. Ele foi o grande soberano dos reinos yorubás. Ele foi chamado o primeiro Alafim, o rei de Oyó.

Quando Odùdùà morreu, os príncipes fizeram a partilha dos bens do rei entre si e Acambi ficou como regente do império até sua morte, nunca tendo sido, contudo, coroado rei do império. Nunca lhe foi atribuído o título de Alafim.

Com a morte de Acambi, foi feito rei Oraniã, o mais jovem dos príncipes do império, que tinha se tornado um homem rico e poderoso. A ancestral Ilê-Ifé era a

capital dessa vasta região conhecida como Oyó. O Alafim Oraniã foi um grande conquistador e solidificou o poderio de Oyó.

Um dia Oraniã levou seus exércitos para combater o povo que habitava uma região a leste de seu império. Era uma guerra muito difícil, mas, antes de ganhar a guerra, o oráculo o aconselhou a estacionar com os seus homens, pois ali ele haveria de muito prosperar.

Assim foi feito e aquele acampamento a leste de Ilé-Ifé tornou-se uma cidade poderosa. Essa próspera povoação foi chamada cidade de Oyó e veio a ser a grande capital do império fundado por Odùdù.

Com a morte de Oraniã, seu filho Ajaká foi coroado terceiro Alafim de Oyó. Ajaká, que tinha o apelido de Dadá por causa de seu cabelo encaracolado, era um homem pacato e sensível, com pouca habilidade e nenhum tino para governar.

Dadá-Ajaká tinha um irmão que fora criado na terra dos nupes, um povo vizinho dos yorubás, filho de Oraniã com a princesa Iamassê, embora haja quem diga que a mãe dele foi Torossi, filha de Elempê, o rei dos nupês, também chamados tapas. Esse filho de Oraniã era Sàngó, grande guerreiro, que fundara uma pequena cidade chamada Kossô, nas cercanias da capital Oyó.

Xangô, que era o rei de Cossô, uma cidade tributária de Oyó, um dia destronou o irmão Ajaká-Dadá, e o exilou como rei de uma pequena cidade, onde usava uma pequena coroa de búzios, chamada coroa de Baiani. Xangô foi assim coroado o quarto Alafim de Oyó, governando o império de Odùdù e Oraniã por sete anos.

Quando Xangô morreu, e dizem que foi obrigado a se enforcar num momento de crise de seu império, seus ministros procuraram seu corpo e não encontraram. Compreenderam então que ele tinha entrado para o Orun e instituíram seu culto. Xangô havia se transformado em Orìxá.



Oxum - Deusa da água doce, do ouro, da fertilidade e do amor. Sincretizada com Nossa Senhora das Candeias. Senhora da vaidade, ela foi a esposa favorita de Xangô. Os filhos e filhas de Oxum são pessoas atrativas, sedutoras, manhosas e insinuentes. Elas sabem como manobrar os seus amores; são boas na feitiçaria e na previsão do futuro. Adoram adivinhar segredos e mistérios. São orgulhosas da beleza que pensam ter por direito natural. Podem ser muito vaidosas, atrevidas e arrogantes. Dizem que sabem tudo do amor, do namoro e do casamento, mas têm muita dificuldade em criar seus filhos adequadamente, muitas vezes até se esquecendo que eles existem. Não gostam da pobreza e nem da solidão. Saudação: *Ora yèyè ò Fiderioman!*

Oriki de Oxum

Òsun mo pé ó o!
Oxum eu te chamo

N ò pé o s'ikú eni kankan
Não te chamo por causa da morte

béni n ó s'árùn eni kankan,
Não te chamo por causa da doença de alguém.

mo pé ó sí níní owo.
Eu te chamo para que tenhamos dinheiro.

Mo pé ó sí níní omo.
Eu te chamo para que tenhamos filhos.

Mo pé ó sí níní àláfia.
Eu te chamo para que tenhamos saúde.

Mo pé ó si òrò.
Eu te chamo para que tenhamos uma vida serena.

Kí àwa má ríjà omi o,

Para que não sejamos vitimados pela ira da águas.

Odoodún ní a nri orógbó.

Dizem que anualmente há orobos novos na feira.

Odoodún ní a nrí omo obi lórí àte o.

Dizem que anualmente há obis novos na feira.

Odoodún ni kí wón ma rí wá o!

Que as pessoas nos vejam todo o ano.

Bí a se, èyí tó jù báyi lo, ní àmódún.

Do mesmo modo que fizemos tua festa, façamos outra, ainda maior, no próximo ano.

Òsun só wá, kí ó mää sí wàhálà lárin àwa omo ré.

Oxum, nos proteja, para que não haja problemas entre nós, teus filhos.

Kí ilé má jò wá.

Para que sempre haja paz em nosso lar.

Kí ònà má nà wá o.

Que nossos objetivos não se voltem contra nós.

Pèsè àse fún wá o.

Dá-nos axé!

Eni nse àmódi ara,

A quem estiver doente,

Fún ní àláfia o.

dá saúde!

Okó oba, àdá oba, kí ó ma sá wa lésè o.

Que a lei dos homens não sejam infringidas por nós.

Kí àwa má ri Ogun idilé.

Que não haja problemas em nossa família.

Lenda de Oxum

Oxum era muito bonita, dengosa e vaidosa. Como o são, geralmente, as belas mulheres. Ela gostava de panos vistosos, marrafas de tartaruga e tinha, sobretudo, uma grande paixão pelas jóias de cobre. Este metal era muito precioso, antigamente, na terra dos iorubás. Se uma mulher elegante possuía jóias de cobre pesadas. Oxum era cliente dos comerciantes de cobre. Omiro wanran wanran wanran omi ro! "A água corre fazendo o ruído dos braceletes de Oxum!" Oxum lavava suas jóias, antes mesmo de lavar suas crianças. Mas tem, entretanto, a reputação de ser uma boa mãe e atende às súplicas das mulheres que desejam ter filhos. Oxum foi a segunda mulher de Xangô. A primeira chamava-se Oiá-lansã e a terceira Obá. Oxum tem o humor caprichoso e mutável. Alguns dias, suas águas correm aprazíveis e calmas, elas deslizam com graça, frescas e límpidas, entre margens cobertas de brilhante vegetação. Numerosos vãos permitem atravessar de um lado a outro. Outras vezes suas águas, tumultuadas, passam estrondando, cheias de correntezas e torvelinhos, transbordando e inundando campos e florestas. Ninguém poderia atravessar de uma margem à outra, pois ponte nenhuma as ligava. Oxum não toleraria uma tal ousadia! Quando ela está em fúria, ela leva para longe e destrói as canoas que tentam atravessar o rio.

Olowu, o rei de Owu, seguido de seu exército, ia para a guerra. Por infelicidade, tinha que atravessar o rio num dia em que este estava encolerizado. Olowu fez a Oxum uma promessa solene, entretanto, mal formulada. Ele declarou: " Se voce baixar o nível de suas águas, para que eu possa atravessar e seguir para a guerra, e se eu voltar vencedor, prometo a você nkan rere", isto é, boas coisas. Oxum compreendeu que ele falava de sua mulher, Nkan, filha do rei de Ibadan. Ela Baixou o nível das águas e Olowu continuou sua expedição. Quando ele voltou, algum tempo depois, vitorioso e com um espólio considerável, novamente encontrou Oxum com o humor perturbado. O rio estava turbulento e com suas águas agitadas. Olowu mandou jogar sobre as vagas toda sorte de boas coisas, as nkan rere prometidas: tecidos, búzios, bois, galinhas e escravos. Mel de abelhas e pratos de mulukun, iguaria onde suavemente misturam-se cebolas, feijão fradinho, sal e camarões. Mas Oxum devolveu todas estas coisas boas sobre as margens. Era Nkan, a mulher de Olowu, que ela exigia. Olowu foi obrigado a submeter-se e jogar nas águas a sua mulher. Nkan estava grávida e a criança nasceu no fundo do rio.

Oxum, escrupulosamente, devolveu o recém-nascido dizendo: "É Nkan que me foi solenemente prometida e não a criança. Tome-a!". As águas baixaram e Olowu voltou tristemente para sua terra. O rei de Ibadan, sabendo do fim trágico de sua filha, indignado declarou: "Não foi para que ela servisse de oferenda a um rio que eu a dei em casamento a Olowu!" Ele guerreou com o genro e o expulsou do país. O Rio Oxum passa em um lugar onde suas águas são sempre abundantes. Por esta razão é que Larô, o primeiro rei deste lugar, aí instalou-se e fez um pacto de aliança com Oxum. Na época em que chegou, uma de suas filhas fôra se banhar. O rio a engoliu sob as águas. Ela só saiu no dia seguinte, soberbamente vestida, e declarou que Oxum a havia bem acolhido no

fundo do rio. Larô, para mostrar sua gratidão, veio trazer-lhe oferendas. Numerosos peixes, mensageiros da divindade, vieram comer, em sinal de aceitação, os alimentos jogados nas águas. Um grande peixe chegou nadando nas proximidades do lugar onde estava Larô. O peixe cuspiu água, que Larô recolheu numa cabaça e bebeu, fazendo, assim, um pacto com o rio. Em seguida ele estendeu suas mãos sobre a água e o grande peixe saltou sobre ela. Isto é dito em iorubá: Atewo gba ejá. O que deu origem a Ataojá, título dos reis do lugar. Ataojá declarou então: "Oxum gbô!" "Oxum esta em estado de maturidade, suas águas são abundantes." Dando origem ao nome da cidade de Oxogbô.

Todos os anos faz-se, aí, grandes festas em comemoração a todos estes acontecimentos.



Yansã ou **Oyá** - Deusa dos raios, dos ventos e das tempestades. É a esposa de Xangô que o acompanha na guerra. Orixá guerreira que leva a alma dos mortos ao outro mundo. Sincretizada com Santa Bárbara. Seus filhos e filhas são mais dotados para a prática do sexo do que para o cultivo do amor. Deusa do erotismo, ela é uma espécie de entidade feminista. As pessoas de Yansã são brilhantes, conversadoras, espalhafatosas, bocudas e corajosas. Detestam fazer pequenos serviços em favor dos outros, pois sentem que isso contraria sua majestade. Elas podem dar a vida pela pessoa amada, mas jamais perdoam uma traição. *Èpahei Oyá!*

Oriki de Oyá

"ORI o! ORI OYA,

mo gbe de. OYA mesan, mesan, mesan.

OYA oriri, o, o, o.

OYA mesan,

A ji loda orisa.

ORI o

ORI ol' OYA,

mo gbe de.

ORI mi!

ORI OYA , mo gbe de."

Tradução

"O ORI do iniciado,

O ORI daquele que é iniciado em OYA está aqui.

OYA , que se desdobra em nove partes.

OYA , a grande mulher, charmosa e elegante.

OYA , que se desdobra em nove partes.

ORISA que usa a espada ao acordar.

O ORI do iniciado,

O ORI daquele que é iniciado em OYA está aqui.

Meu ORI.

O ORI daquele que é iniciado em OYA está aqui."

OYÁ GANHA SEUS ATRIBUTOS DE SEUS AMANTES

Oya usava seus encantos e sedução para adquirir poder.

Por isso entregou-se a vários homens, deles recebendo sempre algum presente.

Com Ogum, casou-se e teve nove filhos, adquirindo o direito de usar a espada em sua defesa e dos demais.

Com Oxaguiã, adquiriu o direito de usar o escudo, para proteger-se dos inimigos.

Com Exu, adquiriu os direitos de usar o poder do fogo e da magia, para realizar os seus desejos e os de seus protegidos.

Com Oxossi, adquiriu o saber da caça, para suprir-se de carne e a seus filhos. Aprimorou os ensinamentos que ganhou de Exu e usou sua magia para transformar-se em búfalo, quando ia em defesa de seus filhos.

Com Logum Edé, adquiriu o direito de pescar e tirar dos rios e cachoeiras os frutos d'água para sobrevivência sua e de seus filhos.

Com Obaluaê, Oya tentou insinuar-se em vão, porém, dele ganhou o poder sobre os mortos.

Ao final de suas conquistas e aquisições, Oya partiu para o reino de Xangô, envolvendo-o, apaixonando-se e vivendo com ele para toda a vida.

Com Xangô, adquiriu o poder do encantamento, o posto da justiça e o domínio dos raios.



Yemanjá - Deusa dos grandes rios, dos mares, dos oceanos. Cultuada no Brasil como mãe de muitos Orixá. Sincretizada com Nossa Senhora da Conceição. Frequentemente representada por uma sereia, sua estátua pode ser vista em quase todas as cidades ao longo da costa brasileira. Ela é a grande mãe, dos Orixá e do Brasil, a quem protege como padroeira, sendo igualmente Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Os filhos e filhas de Yemanjá tornam-se bons pais e boas mães. Protegem seus filhos como leões. Seu maior defeito é falar demais; são incapazes de guardar um segredo. Gostam muito do trabalho e de derrotar a pobreza. Fisicamente são pessoas pouco atraentes, mulheres de bustos exagerados, e sua presença entre outras pessoas é sempre pálida. Saudação: *Odoyá! Odofiaba! Eruya!*

Oriki de Yemanjá

Jogún-osó

Jogún-osó.

Iyemoja lókun.

Iemanjá, senhora do mar.

Iyá mi ni nje eran etù.

É minha mãe, que se alimenta de etù.

Iyá mi na ni nje eran pépéye.

É minha mãe, que se alimenta de pato.

Jogún-osó Iyemoja lókun.

Jogún-osó, Iemanjá no mar.

Olómú agu-isi.

A que possui seios fartos.

Solá-gbadé ìyá mi a fi omo.

Solá-gbadé, minha mãe que tem filhos

Téré lójú omi.

Na superfície das águas.

Ìyá mi losun,

Minha mãe, que se enfeita com osùn.

Ìyá mi la kèsán,

Minha mãe, mãe elegante,

Omo olókò nílé ìseri.

que possui um barco em Iseri.

Iwájú olókò a ma sowó,

Diante da casa da senhora dos barcos brota a prosperidade.

Eyìnkùlé olókò a ma so jìngbà ilèkè.

No quinta da senhora dos barcos brotam pérolas.

Omo alagbo dudu gbolojo wo inu odo.

Dona do carneiro preto que, oferecido no meio das águas,

O dẹ di funfun.

lá chegando, sob sua força tornou-se branco.

A lómo lésè odò.

A que tem filhos à beira do rio.

Omo ayílu omi.

A que faz as águas se misturarem.

Ìyá mi nse owó léjéléjé nínú omi.

Minha mãe está erguendo as mãos, suavemente, dentro das águas.



Oxalá - Deus da criação. Sincretizado com Jesus Cristo. Seus seguidores vestem-se de branco às sextas-feiras. É sempre o último a ser louvado durante as cerimônias religiosas afro-brasileiras; é reverenciado pelos demais Orixá. Como criador, ele modelou os primeiros seres humanos. Quando se revela no transe, apresenta-se de duas formas: o velho Oxalufan, cansado e encurvado, movendo-se vagarosamente, quase incapaz de dançar; o jovem Oxaguian, dançando rápido como o guerreiro. Por ter inventado o pilão para preparar o inhame como seu prato favorito, Oxaguian é considerado o criador da cultura material. Ao invés de sacrifício de sangue de animais quentes, Oxalá prefere o sangue frio dos caracóis (igbin). Os filhos de Oxalá gostam do poder, do trabalho

criativo, apreciam ser bem tratados e mostram-se mandões e determinados na relação com os outros. São melhores no amor do que no sexo, gostam muito de aprender e de ensinar, mas nunca ensinam a lição completamente. São calados e chatos. Gostam de desafios, são muito bons amigos e muito bons adversários aos que se atrevem a se opor a eles. Povo de Oxalá nunca desiste. *Shewepa Bábá!* "Tal pai, tal filho." Assim, cada Orixá tem um tipo mítico que é religiosamente atribuído aos seus descendentes, seus filhos e filhas. Através de mitos, a religião fornece padrões de comportamento que modelam, reforçam e legitimam o comportamento dos fiéis. De fato, o seguidor do candomblé pode simplesmente tomar os atributos do seu Orixá como se fossem os seus próprios e tentar se parecer com ele, ou reconhecer através dos atributos da divindade bases que justificam sua conduta. Os padrões apresentados pelos mitos dos Orixá podem assim ser usados como modelo a ser seguido, ou como validação social para um modo de conduta já presente. Um iniciado pode, ao familiarizar-se com seus estereótipos míticos, identificar-se com eles e reforçar certos comportamento, ou simplesmente chamar a atenção dos demais para este ou aquele traço que sela sua identidade mítica. Mudar ou não o comportamento não é importante; o que conta é sentir-se próximo do modelo divino. Além de seu Orixá dono da cabeça, acredita-se que cada pessoa tem um segundo Orixá, que atua como uma divindade associada (juntó) que complementa o primeiro. Diz-se, por exemplo: "sou filho de Oxalá e Yemanjá". Geralmente, se o primeiro é

masculino, o segundo é feminino, e vice-versa, como se cada um tivesse pai e mãe. A segunda divindade tem papel importante na definição do comportamento, permitindo operar-se com combinações muito ricas. Como cada Orixá particular da pessoa deriva de uma qualidade do Oxalá geral, que pode ser o Orixá em idade jovem ou já idoso, ou o Orixá em tempo de paz ou de guerra, como rei ou como súdito etc. etc., as variações que servem como modelos são quase inesgotáveis. Às vezes, quando certas características incontestes de um Orixá não se ajustam a uma pessoa tida como seu filho, não é incomum nos meios do candomblé duvidar-se daquela filiação, suspeitando-se que aquele iniciado está com o "santo errado", ou seja, mal identificado pela mãe ou pai-de-santo responsável pela iniciação. Neste caso, o verdadeiro Orixá tem que ser descoberto e o processo de iniciação reordenado. Pode acontecer também a suspeita de que o santo está certo, mas que certas passagens míticas de sua biografia, que explicariam aqueles comportamentos, estão perdidas. No candomblé sempre se tem a idéia de que parte do conhecimento mítico e ritual foi perdido na transposição da África para o Brasil, e de que em algum lugar existe uma verdade perdida, um conhecimento esquecido, uma revelação escondida. Pode-se mudar de santo, ou encetar interminável busca deste conhecimento "faltante", busca que vai de terreiro em terreiro, de cidade em cidade, na rota final para Salvador - reconhecidamente o grande centro do conhecimento sacerdotal, do *añê* -, e às vezes até a África e não raro à mera etnografia acadêmica. Reconhece-se que falta alguma coisa que precisa ser recuperada, completada.

ORÍKÌ - OXAGUIAN

Osagiyan ogiri (o)ba Ejigbo
(Osagiyan poderoso, Rei de Ejigbo)
Okunrin yio bi ewe egbesi
(Homen belo como a folha de egbesi)
As(e) o nikan ti nfi omi ado we
(Somente ele se lava com a água da cabaça)
Osagiyan kò ni (i)ka (i)nu
(Orisa Ogiyan não é mau)
Elemoso a so (o)lowo abi omo
(Elemoso da Riquezas e Filhos)
O fun eni ni o gba fun eni ti kò ni
(Ele tira de quem tem e dá para quem nada tem)
Jagun o fi (i)rugbon se pepe (e)nu
(Guerreiro cuja barba embeleza a boca)
O bo sokoto já l(i) Ejigbo
(Ele usa calça e briga em Ejigbo)
Baba Osagiyan Oba Tapa
(Pai Osagiyan, Rei Tapa)
Akan (i)lê má ni ipekun
(Sua atividade na terra não tem limites)
Osagiyan Alagbara Alaiye
(Poderoso Osagiyan, Senhor do Mundo)
Ajaguna wá gba mi o Ajaguna
(Ajaguna, venha socorrer-me, Ajaguna)

O FILHO DE OXALÁ QUE SE CHAMAVA DINHEIRO

Há muitos anos passados, Oxalá teve um filho por nome Dinheiro, muito presunçoso e arrogante, a ponto de dizer a Oxalá, seu pai e rei, na presença de várias pessoas, que era tão poderoso quanto ele, pois era acostumado a andar com a Morte e levá-la para qualquer lugar.

Para dar prova disto, um dia ele saiu pensando como poderia trazer presa de qualquer forma a Morte, conforme tinha dito a Oxalá, na presença de todos do reinado.

Nisto, ocorreu-lhe a idéia de deitar-se em uma encruzilhada. Dito e feito, logo que encontrou uma, deitou-se nela, ficando quieto, aguardando o que poderia acontecer.

As pessoas que passavam pela estrada e se deparavam com ele deitado ali na encruzilhada, diziam:--Chi! Como está aquele homem deitado ali, com a cabeça para a casa da Morte, os pés para a porta da Moléstia e os lados para o lugar da Desavença.

Depois de ditas estas palavras pelas pessoas que por ali passavam, e que ele se achou sozinho, levantou-se e disse: -- Então "de ironia" já sei tudo o que era preciso saber e conhecer; estou com os meus planos já feitos. -- E lá se foi ele direitinho para a casa da Morte.

Chegando na chácara dela, começou a bater nos tambores funestos de que a Morte fazia uso, quando queria matar as pessoas indicadas.

Assim ele, que já estava de posse de uma rede que tinha conseguido no caminho, ficou preparado, aguardando que a morte viesse a ele para reclamar.

Dito e feito, a Morte, ouvindo os sons dos tambores, chegou bastante apressada a fim de saber quem estava tocando.

O homem Dinheiro envolveu-a na rede e levou-a ao maioral Oxalá, dizendo-lhe estas palavras: -- Aqui está a Morte que prometi trazer em pessoa à vossa presença.

Oxalá respondeu: -- Vai-te embora com a Morte e tudo de melhor que possa levar do mundo, pois tu és o causador de tudo de bem e de mal. Suma-se daqui! Leve-a e pode passar a conquistar todo o universo.

Por este motivo é que, por causa do dinheiro, todas as qualidades de crimes têm sido e continuam a ser praticadas.

IV: Religiões éticas e religiões mágicas

O candomblé é uma religião basicamente ritual e a ética que - talvez por isso mesmo - veio a se constituir como uma alternativa sacral importante para diferentes segmentos sociais que vivem numa sociedade como a nossa, em que ética, código moral e normas de comportamento estritas podem valer pouco, ou comportar valores muito diferentes. Nas religiões éticas, a mística extática, a experiência religiosa do transe (que é o caso do candomblé), dá lugar ao experimentar a idéia de dever, retribuição e piedade para com o próximo, que é o fundamento religioso - e da religião - do modo de vida, a razão de existência e o meio de salvação. A transgressão deixa de estar relacionada com a impropriedade ritual para ser a transgressão de um princípio, ético, normativo. Nesse tipo, a religião é fonte e guardiã da moralidade entre os homens, já que deus é a potência ética plena e em si. Nas religiões mágicas, ao contrário, não há a idéia de salvação, a de busca necessária de um outro mundo em que a corrupção está superada, mas sim a procura de interferência neste mundo presente através do uso de forças sagradas que vêm, elas sim, do outro mundo. Nesta classe de religiões mágicas e rituais podemos perfeitamente enxergar o candomblé: "Seus deuses são fortes, com paixões análogas às dos homens, alternadamente valentes ou pérfidos, amigos e inimigos entre si e contra os homens, mas em todo caso inteiramente desprovidos de moralidade, e, tanto quanto os homens, passíveis de suborno, mediante o sacrifício, e coagidos por procedimentos mágicos que fazem com que os homens venham a se tornar, pelo conhecimento que estes acabam tendo dos deuses todos, mais fortes do que os próprios deuses" (Weber, 1969, v.2: 909). Esses deuses, que são tantos, e nem mesmo se conhecem entre si, mas que são conhecidos pelo sacerdote-feiticeiro, que pode, inclusive, jogar um contra o outro para obter favores para os homens, esses deuses nunca chegam a ser potências éticas que exigem e recompensam o bem e castigam o mal; eles estão preocupados com a sua própria sobrevivência e, para isso, com o cuidado de seus adeptos particulares. Daí as religiões mágicas não se caracterizarem pela existência de um pacto geral de luta do bem contra o mal. Nelas, o sacerdócio e o cumprimento de prescrições rituais têm finalidade meramente utilitária de manipulação do mundo natural e não natural, de exercício de poder sobre forças e entidades sobrenaturais maléficas e demoníacas, de ataque e defesa em relação à ação do outro, que é sempre um inimigo potencial, um oponente. Não há uma teodicéia capaz de nuclear a religião e nem desenvolver especulações éticas sobre a ordem cósmica, mesmo porque a religião - no caso do candomblé - já se desenvolveu como uma colcha de retalhos, fragmentos cuja unidade vem sendo ainda buscada por alguns de seus adeptos que se põem esta questão da explicação da ordem cósmica, ainda que num plano que precede o encontro de um fim transcendente, e que se ampara numa etnografia que relativista as culturas e legitima como igualmente uniorganizadoras do cosmo as diferentes formas de religião. Por exemplo, Juana dos Santos, em *Os nagô e a morte* (1986), parte de uma base empírica oferecida por suas pesquisas no Brasil e na África, e com uma re-interpretação apoiada na etnografia, cria, no papel, uma religião que não se pode encontrar nem no Brasil

nem na África, propondo para cada dimensão ritual da religião que ela reconstitui significados que procuram dar às partes o sentido de um todo, dando-se à religião uma forma acabada que ela não tem. Creio não ser difícil imaginar que o candomblé, de fato, comporta elementos desses dois grandes tipos de religião, mas no conjunto se aproxima mais das religiões mágicas e rituais, e, como religião de serviço, chega praticamente a se colar no tipo estrito de religião mágica. O próprio movimento recente de abandono do sincretismo católico leva a um certo esvaziamento axiológico, esvaziamento de uma ética, ainda que tênue, partilhada em comunidades de candomblé antigas, emprestada do catolicismo, ou imposta por ele, uma vez que as questões de moralidade foram um terreno que o catolicismo dominador reservou para si e para seu controle no curso da formação das religiões negras no Brasil. Neste movimento, entretanto, o candomblé não pode mais voltar à tribo original nem ao modelo de justiça tradicional do ancestral, o egungun, para reger a conduta na vida cotidiana. E nem precisa disto, pois não é mais no grupo fechado que está hoje sua força e sua importância como religião. De todo modo, foi exatamente o desprendimento do candomblé de suas amarras étnicas originais que o transformou numa religião para todos, ainda que sendo (ou talvez porque) uma religião aética, permitindo também a oferta de serviços mágicos para uma população fora do grupo de culto, que está habituada a compor, com base em muitos fragmentos de origens diferentes, formas privadas, às vezes até pessoais, de interpretação do mundo e de intervenção nele por meios objetivos e subjetivos e cujo acesso está codificado numa relação de troca, numa relação comercial para um tipo de consumo imediato, diversificado e particularizável que é contraposto ao consumo massificado que a sociedade pressupõe e obriga. Estou me referindo especialmente a indivíduos de classe média que usam experimentar códigos com os quais não mantêm vínculos e compromissos duradouros, e que o fazem por sua livre escolha, podendo contar com um repertório tanto mais variado quanto possível.

V: Uma religião para os excluídos

Os cultos dos Orixás no Brasil, dos quais excluo em grande parte a umbanda, pela dimensão kardecista-católica que compõe seu plano de moralidade, mas nos quais incluo as formas do candomblé baiano, do xangô pernambucano, batuque gaúcho, tambor-de-mina do Nordeste ocidental etc., têm sido, pelo menos desde os anos 30, e ininterruptamente, verdadeiros redutos homossexuais, de homossexuais de classe social inferior. Com exceção de Ruth Landes, em seu escrito de 1940 (Landes, 1967), até bem pouco tempo os pesquisadores que erigiram a literatura científica sobre o candomblé sempre esconderam este fato, ou ao menos o relevaram como traço de algum terreiro "culturalmente decadente". Ora, o homossexualismo está presente mesmo nas casas mais tradicionais do país, não viu quem não quis (sobre estudos contemporâneos, ver bibliografia em Teixeira, 1987). O homossexual, sobretudo o homem, sempre foi obrigado a publicar a sua intimidade como único meio de encontrar parceria sexual, e, ao publicar sua intimidade, obrigava-se a desempenhar um papel social que não pusesse em risco a sua busca de parceiro, isto é, que não pusesse em risco o parceiro potencial, um papel que o mostrava como o de fora, o diferente, o não incluído, mas que ainda assim não chegava a oferecer qualquer risco de "contaminação" do parceiro, que para efeito público não chegava nunca a mudar de papel sexual. Sua diferença o obrigou a desenvolver padrões de conduta que o identificasse facilmente: para ser homossexual era preciso mostrar-se homossexual. Pois nenhuma instituição social no Brasil, afora o candomblé, jamais aceitou o homossexual como uma categoria que não precisa necessariamente esconder-se, anulando-o enquanto tal. Só com os movimentos gay de origem norte-americana, a partir dos anos 60, é que se buscou quebrar a idéia de que o homossexual tinha que "parecer" diferente, num jogo que valorizou a semelhança e que, talvez, tenha dado suporte para a guetificação e "formação demográfica" dos hoje denominados "grupos de risco" da AIDS. Esta aceitação de um grupo tão problemático para outras instituições, religiosas ou não, também demonstra a aceitação que o candomblé tem deste mundo, mesmo quando, no extremo, trata-se do mundo da rua, do cais do porto, dos meretrícios e portas de cadeia. Grandíssima e exemplar é a capacidade do candomblé de juntar os santos aos pecadores, o maculado ao limpo, o feio ao bonito. Se concordarmos que as maiores concentrações relativas de homossexuais e bissexuais ocorrem nas grandes cidades, onde podem refugiar-se no anonimato e na indiferença que os grandes centros oferecem (além de oferecerem locais e instituições de publicação, que na cidade grande podem funcionar como espaços fechados, isto é, públicos porém privatizados), encontramos uma razão a mais para o sucesso do candomblé em São Paulo - a possibilidade de fazer parte de um grupo religioso, isto é, voltado para o exercício da fé, mas que ao mesmo tempo é lúdico, reforçador da personalidade, capaz de aproveitar os talentos estéticos individuais e, por que não?, um nada desprezível meio de mobilidade social e acumulação de prestígio, coisas muito pouco ou nada acessíveis aos homossexuais em nossa sociedade.

Ainda mais quando se é pobre, pardo, migrante, pouco escolarizado. O candomblé é assim, de fato, uma religião apetrechada para oferecer estratégias de vida que as ciências sociais jamais imaginaram. Esta relação entre sacerdócio e homossexualidade não é prerrogativa nem do candomblé e nem de nossa civilização. Mas o que faz do candomblé uma religião tão singular é o fato de que todos os seus adeptos devem exercer necessariamente algum tipo de cargo sacerdotal. E qualquer que seja o cargo sacerdotal ocupado, ninguém precisa esconder ou disfarçar suas preferências sexuais. Ao contrário, pode até usar o cargo para legitimar a preferência, como se usa o Orixá para explicar a diferença. Para melhor entendermos isso tudo, entretanto, teríamos também que não deixar esquecido o fato de contarmos inclusive com variantes de uma sociabilidade, jeitos de ser e de viver, vivenciadas por grande parte da população brasileira mais pobre (que de todo lugar do país vai se juntando nas periferias metropolitanas), hoje não importando muito mais sua origem de cor, mas que é resultante também do nosso recente passado escravista, que amputava normas de conduta, suprimia instituições familiares e aleijava até mesmo as religiões das populações escravas. Onde fica evidentiíssimo ser o candomblé uma religião brasileira muito mais que a simples reprodução de cultos africanos aos Orixás como existiram e como existem além-mar. Considero bastante significativo o fato de o culto aos Orixás, no Brasil, ter se "descolado" do culto dos antepassados, os egunguns a que já me referi (os quais aqui ganharam um culto à parte nos candomblés de egungun). Na África, eles não eram apenas partes de um mesmo universo religioso: O Orixá era cultuado para zelar pela família e pelo indivíduo, o antepassado era cultuado para cuidar da comunidade como um todo. O antepassado garantia a regra, o Orixá garantia a força sagrada agindo sobre a natureza. Mas se o candomblé libera o indivíduo, ele libera também o mundo. Ele não tem uma mensagem para o mundo, não saberia o que fazer com ele se lhe fosse dado transformá-lo, não é uma religião da palavra, nunca será salvacionista. É sem dúvida uma religião para a metrópole, mas somente para uma parte dela, como é destino das outras religiões hoje. O candomblé pode ser a religião ou a magia daquele que já se fartou da transcendência despedaçada pelo consumo da razão, da ciência e da tecnologia e que se encontrou desacreditado do sentido de um mundo inteiramente desencantado - e o candomblé será aí uma religião aética para uma sociedade pós-ética. Mas também pode ser a religião e a magia daquele que sequer chegou a experimentar a superação das condições de vida calçadas por uma certa sociabilidade do salve-se quem puder, onde o outro não conta e, quando conta, conta ou como opressor ou como vítima potencial, como inimigo, como indesejável, como o que torna demasiado pesado o fardo de viver num mundo que parece ser por demais desordenado - e o candomblé poderá ser então uma religião aética para uma sociedade pré-ética.

VI: Sacerdotes e feiticeiros

No candomblé, a iniciação significa fazer parte dos quadros sacerdotais, que são basicamente de duas naturezas (dos que entram em transe e dos que não), organizados hierarquicamente e que pressupõem um tipo de mobilidade *ex opere operato*. Toda Yawo que passar por suas obrigações pode chegar a pai-de-santo ou mãe-de-santo, independentemente de seu comportamento na vida cotidiana, isto é, fora dos limites impostos pelas obrigações rituais do devoto para com seu deus e alheio aos deveres de lealdade para com o seu iniciador, o qual, entretanto, pode ser substituído por outro através de adoção ritual, sempre que ocorrer, por um motivo ou outro, quebra pública desta relação de lealdade e dependência. Ser pai ou mãe-de-santo não é aspiração de todos os iniciados, nem jamais pode ser em se tratando da categoria dos Olóye não rodantes (Ekédi e Ogan). Entretanto, é perspectiva muito importante para boa parcela dos adeptos. Provenientes, em geral, de classes sociais baixas (e agora não importa mais se são brancos ou se negros) vir a ser um pai-de-santo representa para os iniciados a possibilidade de exercer uma profissão que, nascida como ocupação voltada para os estratos baixos e de origem negra, passou recentemente, ao compor os quadros dos serviços de oferta generalizada a todos os seguimentos sociais, a reivindicar o *status* de uma profissão de classe média, como já ocorreu com outras atividades profissionais e em outros contextos sociais (Hobsbawn, 1984: 299). O pai-de-santo não é mais a figura escondida, perseguida, desprezada. Ele tem visibilidade na sociedade e transita o tempo todo nos meios de classe média, que o buscam em seu terreiro e, assim fazendo, tiram-no do anonimato. Ao mostrar-se em público, o pai-de-santo vê-se obrigado a ostentar símbolos que expressem a sua profissão. Não contando com cabedal intelectual adquirido na escola - o que é decisivo na identidade de classe média da maioria das profissões não proletárias, ainda que simbolicamente - o pai e a mãe-de-santo fazem-se perceber por um estilo de vestuário e um excesso de jóias ou outros enfeites levados no pescoço, na cabeça, na cintura e nos pulsos, que dão a impressão de serem originalmente africanos ou de origem africana, mas cuja "tradição" não tem mais que meio século. Ele e ela fazem-se diferentes e, quanto mais diferentes, melhor. Um outro "sinal" de prestígio amealhado com frequência por sacerdotes do candomblé, bem como da umbanda, são as medalhas e comendas concedidas por inúmeras sociedades medalhísticas de finalidade auto-promocional, e que servem para substituir, às vezes com vantagens, os diplomas e graus universitários. Tudo isto faz parte de um processo de mobilidade social que está ao alcance de pessoas que, por suas origens sociais, dificilmente encontrariam outro canal de ascensão social. A mobilidade e a visibilidade social que sua profissão agora pressupõe são importantes para conferir ao pai-de-santo uma presença voltada para fora do terreiro, que lhe garanta um fluxo de clientes cujo pagamento por serviços mágicos permite a constituição de um fundo econômico que facilita, no mínimo materialmente, a sua realização como líder religioso de seu grupo de adeptos, numa religião em que o dispêndio material é muito grande e decididamente muito significativo. Este pai-de-santo e esta mãe-

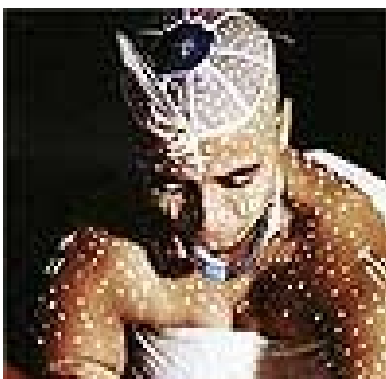
de-santo são sacerdotes de uma religião em que as tensões entre magia e prática religiosa estão descartadas. Pode-se finalmente ser, ao mesmo tempo, o sacerdote e o feiticeiro, numa situação social em que cada um destes papéis reforçará o outro. E numa sociedade em que cada um deles estará orientado, preferencialmente, para grupos, e até mesmo classes sociais diferentes. Ao se realizar como instituição legitimada de prática mágica, o candomblé na metrópole faz parte publicamente do jogo de múltiplos aspectos através do qual cada grupo ou cada pessoa, individualmente, é capaz de construir sua própria fonte de explicação, de transcendência e de intervenção no mundo. A capacidade de se manter como religião aética, que o candomblé demonstra ter, permite-lhe vantajosa flexibilidade em relação às outras religiões éticas e a abertura para um mercado religioso de consumo *ad hoc*, por parte dos clientes não religiosos, que as religiões de conversão em geral não têm. A racionalização do jogo de búzios e do *ëbî* (ao se apresentarem como menos sacralizados do que na verdade o são), o atendimento privativo e com hora marcada, o anonimato do serviço, a explicitação do pagamento monetário na relação de troca, a presença do pai-de-santo num mercado público regido por regras de eficiência e competência profissional, bem como suas próprias regras aéticas no plano do grupo religioso, fazem desta religião tribal de deuses africanos uma religião para a metrópole, onde o indivíduo é cada vez mais um *bricoleur*. Nesta sociedade metropolitana - no rastro das transformações sociais de âmbito mundial dos últimos cinquenta anos - a construção de sistemas de significados depende cada vez mais da vontade de grupos e indivíduos. Neste movimento, os temas religiosos relevantes, como afirma Luckmann, podem ser selecionados a partir de diferentes preferências particulares. No limite, cada indivíduo pode ter o seu particular e pessoal modelo de religiosidade independente dos grandes sistemas religiosos totalizadores que marcaram, até bem pouco, a história da humanidade. Os deuses tribais africanos adotados na metrópole não são mais os deuses da tribo. São deuses de uma civilização em que o sentido da religião e da magia passou a depender, sobretudo, do estilo de subjetividade que o homem, em grupo ou solitariamente, escolhe para si.

VII: A religião dos Orixás na sociedade contemporânea

O candomblé, tal como existe hoje nos grandes centros urbanos do Brasil, é capaz de oferecer a seus seguidores algo diferente daquilo que a religião dos Orixás, em tempos mais antigos, podia certamente propiciar, quando sua presença significava para o escravo a ligação afetiva e mágica ao mundo africano do qual fora arrancado pela escravidão. Quando o candomblé se organizou no Nordeste, no século XIX, ele permitia ao iniciado a reconstrução simbólica, através do terreiro, da sua comunidade tribal africana perdida. Primeiro ele é o elo com o mundo original. Ele representava, assim, o mecanismo através do qual o negro africano e brasileiro podia distanciar-se culturalmente do mundo dominado pelo opressor branco. O negro podia contar com um mundo negro, fonte de uma África simbólica, mantido vivo pela vida religiosa dos terreiros, como meio de resistência ao mundo branco, que era o mundo do trabalho, do sofrimento, da escravidão, da miséria. Bastide mostrou como a habilidade do negro, durante o período colonial, de viver em dois diferentes mundos ao mesmo tempo era importante para evitar tensões e resolver conflitos difíceis de suportar sob a condição escrava. Logo, o mesmo negro que reconstruiu a África nos candomblés, reconheceu a necessidade de ser, sentir-se e se mostrar brasileiro, como única possibilidade de sobrevivência, e percebeu que para ser brasileiro era absolutamente imperativo ser católico, mesmo que se fosse também de Orixá. O sincretismo se funda neste jogo de construção de identidade. O candomblé nasce católico quando o negro precisa ser também brasileiro. Quando o candomblé, a partir dos anos 1960, deslança a caminho de se tornar religião universal, afrouxa-se seu foco nas diferenças raciais e ele vai deixando para trás seu significado essencial de mecanismo de resistência cultural, embora continue a prover esse mecanismo a muitas populações negras que vivem de certo modo econômica e culturalmente isoladas em regiões tradicionais do Brasil. As novas condições de vida na sociedade brasileira industrializada fazem mudar radicalmente o sentido sociológico do candomblé. Se até poucas décadas atrás ele significava uma reação à segregação racial numa sociedade tradicional, em que as estruturas sociais tinham mais o aspecto de estamentos que de classes, agora ele tem o sentido de escolha pessoal, livre, intencional: alguém adere ao candomblé não pelo fato de ser negro, mas porque sente que o candomblé pode fazer sua vida mais fácil de ser vivida, porque então talvez se possa ser mais feliz, não importa se é branco ou negro. Evidentemente, embora o processo de escolha religiosa possa ter consequências sociais significativas para a sociedade como um todo - na medida que com a escolha certas religiões podem ser mais reforçadas e neste sentido ter aumentado sua influência na sociedade - qualquer eficácia da religião no que diz respeito à esfera íntima só pode ser avaliada pelo indivíduo que a ela se converte. O desatar de laços étnicos que, no curso das últimas três décadas, tem transformado o candomblé numa religião para todos, também propiciou um nada desprezível alargamento da oferta de serviços mágicos para a população exterior aos grupos de culto. Uma clientela já acostumada a compor visões de mundo particulares a partir de fragmentos

originários de diferentes métodos e fontes de interpretação da vida. O candomblé oferece símbolos e sentidos hoje muito valorizados pela música, literatura, artes em geral, os quais podem ser fartamente usados pela clientela na composição dessa visão de mundo caleidoscópica, sem nenhum compromisso religioso. O cliente de classe média que vai aos candomblés para jogar búzios e fazer ebós é o *bricoleur* que também tem procurado muitas outras fontes não racionais de sentido para a vida e de cura para males de toda natureza. Certamente o candomblé deste cliente é bem diferente do candomblé do iniciado, mas nenhum deles contradiz o sentido do outro. O candomblé é uma religião que tem no centro o rito, as fórmulas de repetição, pouco importando as diferenças entre o bem e o mal no sentido cristão. O candomblé administra a relação entre cada Orixá e o ser humano que dele descende, evitando, através da oferenda, os desequilíbrios desta relação que podem provocar a doença, a morte, as perdas materiais, o abandono afetivo, os sofrimentos do corpo e da alma e toda sorte de conflito que leva à infelicidade. Como religião em que não existe a palavra no sentido ético, nem a conseqüente pregação moral, o candomblé (juntamente com a umbanda, que, contudo tem seu aspecto de religião aética atenuado pela incorporação de virtudes teológicas do kardecismo, como a caridade) é sem dúvida uma alternativa religiosa importante também para grupos sociais que vivem numa sociedade como a nossa, em que a ética, os códigos morais e os padrões de comportamento estritos podem ter pouco, variado e até mesmo nenhum valor. O candomblé é uma religião que afirma o mundo, reorganiza seus valores e também reveste de estima muitas das coisas que outras religiões consideram más: por exemplo, o dinheiro, os prazeres (inclusive os da carne), o sucesso, a dominação e o poder. O iniciado não tem que internalizar valores diferentes daqueles do mundo em que ele vive. Ele aprende os ritos que tornam a vida neste mundo mais fácil e segura, mundo pleno de possibilidades de bem-estar e prazer. O seguidor do candomblé propicia os deuses na constante procura do melhor equilíbrio possível (ainda que temporário) entre aquilo que ele é e tem e aquilo que ele gostaria de ser e ter. Nessa procura, é fundamental que o iniciado confie cegamente em sua mãe-de-santo. Guiado por ela, este fiel aprende, ano após ano, a repetir cada uma das fórmulas iniciáticas necessárias à manipulação da força sagrada da natureza, o Axé. Não se pode ser do candomblé sem constantemente refazer o rito, como não se pode ser evangélico sem constantemente examinar a própria consciência à procura da culpa que delata a presença das paixões que precisam ser exorcizadas. O bom evangélico, para se salvar da danação eterna, precisa aniquilar seus desejos mais escondidos; o bom filho-de-santo precisa realizar todos os seus desejos para que o Axé, a força sagrada de seu Orixá, de quem é continuidade, possa se expandir e se tornar mais forte. Aceitando o mundo como ele é, o candomblé aceita a humanidade, situando-a no centro do universo, apresentando-se como religião especialmente dotada para a sociedade narcisista e egoísta em que vivemos. Porque o candomblé não distingue entre o bem e o mal do modo como aprendemos com o cristianismo, ele tende a atrair também toda sorte de indivíduos que têm sido socialmente marcados e marginalizados por outras instituições religiosas e não religiosas. Isto mostra como o candomblé aceita o mundo, mesmo quando ele é o mundo da rua, da prostituição, dos que já cruzaram as portas da prisão. O candomblé não discrimina o bandido, a adúltera, o travesti e todo tipo de rejeitado social. Mas se o candomblé libera o indivíduo,

ele também libera o mundo: não tem para este nenhuma mensagem de mudança; não deseja transformá-lo em outra coisa, como se propõem, por exemplo, os católicos que seguem a Teologia da Libertação, sempre interessados em substituir este mundo por outro mais justo. O candomblé se preocupa, sobretudo com aspectos muito concretos da vida: doença, dor, desemprego, deslealdade, falta de dinheiro, comida e abrigo - mas sempre tratando dos problemas caso a caso, indivíduo a indivíduo, pois não se trabalha aqui com a noção de interesses coletivos, mas sempre com a de destino individual. O candomblé também pode ser a religião ou a magia daquele que já se fartou dos sentidos dados pela razão, ciência e tecnologia, e que deixou de acreditar no sentido de um mundo totalmente desencantado, que deixou para trás a magia, em nome da eficácia do secular pensamento moderno. Talvez o candomblé possa ser a religião daquele que não consegue atinar com o senso de justiça social suficiente para resolver muitos dos problemas que cada indivíduo enfrenta no curso de sua vida pelo mundo desencantado. O candomblé também oferece a seus iniciados e simpatizantes uma particular possibilidade de prazeres estéticos, que se esparrama pelas mais diferentes esferas da arte e da diversão, da música à cozinha, do artesanato à escola de samba, além da fascinação do próprio jogo de búzios, o portão de entrada para o riquíssimo universo cultural dos Orixás. O candomblé ensina, sobretudo, que antes de se louvarem os deuses, é imperativo louvar a própria cabeça; ninguém terá um deus forte se não estiver bem consigo mesmo, como ensina o dito tantas vezes repetidos nos candomblés: "Orí buruku kosi Òrìṣà", ou "Cabeça ruim não tem Orixá". Para os que se convertem, isso faz uma grande diferença em termos de auto-estima. Na nossa sociedade das grandes metrópoles, se a construção de sentidos depende cada vez mais do desejo de grupos e indivíduos que podem escolher esta ou aquela religião, ou fragmentos delas, a relevância dos temas religiosos igualmente pode ser atribuída de acordo com preferências privadas. A religião é agora matéria de preferência, de tal sorte que até mesmo escolher não ter religião alguma é inteiramente aceitável socialmente. Assim, os deuses africanos apropriados pelas metrópoles da América do Sul não são mais deuses da tribo, impostos aos que nela nascem. Eles são deuses numa civilização em que os indivíduos são livres para escolhê-los ou não, continuar fielmente nos seus cultos ou simplesmente abandoná-los. O candomblé pode também significar a possibilidade daquele que é pobre e socialmente marginalizado ter o seu deus pessoal que ele alimenta, veste e ao qual dá vida para que possa ser honrado e homenageado por toda uma comunidade de culto. Quando a filha-de-santo se deixa cavalgar pelo seu Orixá, a ela se abre como no palco em um barracão em festa, para o que talvez seja a única possibilidade na sua pobre vida de experimentar uma apresentação



solo, de estar no centro das atenções, quando seu Orixá, paramentado com as melhores roupas e ferramentas de fantasia, há de ser admirado e aclamado por todos os presentes, quiçá invejado por muitos. E por toda a noite o cavalo dos deuses há de dançar, dançar e dançar. Ninguém jamais viu um Orixá tão bonito como o seu.

Yawo iniciado para o Orixá Oxossi – O Caçador, senhor da fartura.

Cantigas de Xirê

Exú

Saudação: Laróie

Cantigas

***aji qui barabô é mo jubá auá cô xê
aji qui barabô é mojuba ê omóde có é có qui
barabô mo jubá élebara exú lónã***

Bará ô bébé tirirí lónã exú tirirí

Bará ô bébé tirirí lónã exú tirirí

Inã inã mo jubá ê é mo jubá

Inã inã mo jubá ê agô mo jubá

OGUN

Saudação: Ogun yè

Cantigas

***E PÁ MI OGUN, OGUN PÁ MÊJE
E MÊJE MIOXÊ***

A PE LEJA PE LEJA

OGUN ONIRE

***E ALADE LODE KORO UN BÉLÉ
A KORO Ô OGUN JÁ KORO UN BÉLÉ***

***OGUN ONIRE O AKORO ONIRE ORE GUE DE
ALARE OGUN ONIRE ORE GUE DE***

***OGUN XÊ KORÊ NDÊ XÊ KÔRÊ
OGUN XÊ KORÊ NDÊ XÊ KÔRÊ***

KATA KATA OGUN MÊJE

OGUN MÊJE ÓNÃ BOBO

***E PÁ NIN OBÉ, OGUN PÁ NIN OBÉ
E PÁ NIN OBÉ, OGUN PÁ NIN OBÉ***

Omolu
Saudação: Atotô
Cantigas

E KERE RUNBE KERE
E KERE RUNBE KERE

E AGO OMOLU JÁ ÉLÉ NINHA BERÊ KO
ÉLÉ NINHA MOLU JÁ ÉLE NINHA BERE KO

LA OPERE IN SODAN
ELO E ZO ELO

A BAINÃN IN MORA E
JAM BA TOLA BARE AUA

OMOLU BEVARA E OMOLU BEVARAO
OMOLU BEVARA E OMOLU BEVARA GÔ GÔ

E AGA KE BAIA AGA KE BAIA
E AGA KE BAIA AGA KE BAIA
E KOLE KOLE XAORO, E KOLE KOLE XAORO

E JAN BÉLE KE AJÔ O FARAJO
NI KO JO

Oxóssi
Saudação: Okê Arô
Cantigas

E ODÉ ÓRAE ODÉ PARA KADÊ
ODÉ ÓRAE ODÉ PARA KADÊ

E AUA AUA AUA ODÉ NILE AUA
ODÉ KI TIPO

E AKOLÊ É MALA KO
E AKOLÊ É MALA KOLÊ

OMÓRODÉ LONI
OMÓRODÉ LUAIE

ODÉ BAILA JÁ MIRO

ODÉ BAILA JÁ MIRO

ODÉ NITA FARODÉ
BAILA ODÉ NITA FARAO

E ZIN GUELÊ AROLÊ
NU ZINGUÊLE KOKE

Ossain
Saudação: Ewé ô - Ewe assá
Cantigas

A FITÁ BURÚ
A FITÁ BURÚ, ATINDOLA A FITÁ BURÚ
A LOGUN, A D'OGUN ONÃN

PEREGUN ALÁ ÓTITUN
PEREGUN ALÁ ÓTITUN
BABÁ DANA DO ALÁ O MERÉM
PEREGUN ALÁ OTITUN

Ó BORÓ A TINÃN
PEREGUN ALÁ XÓ TITUN

ERÓ IROKO IZÔ ERÓ
ERÓ IROKO IZÔ

ORE JEJE ORE JEJE
OYA KAXA NIMASSA D'BABALAO
OGUN AKORO ORE JEJE

E AGUE MARE AGUE MARE
BARA KI SODAN

KI TIPO ALÉ RIKO
BARA KI SODAN KI TIPO

Oxumarê
Saudação: Àrobô bô yi
Cantigas

OXUMARÊ LOQUERE
LOQUERE E LOQUERE

OXUMARÊ NI FERUN DA DAN
NI FERUN DAN

E JANA DOIA BESEN NADE TORUN BABA

A KORO LE IN MINHO
ALÁ KORO LE IN MINHO ALÁ

A GALA GALA GULE GALEJÔ

A GARA GARA SORO
SORO BESSEN SORO

SAVA LU KE MADI E AE AE
SAVA LUKE MEDIE

Nanã
Saudação: Salú bá Nanã
Cantigas

O NITORODO KE ALÉ
OMO NILÊ KORAJÓ NANÃN INSURE
OMO NILÊ KORAJÓ, KORAJÓ KORAJÓ
A FULÉ LÉ KORAJÓ

Ó IA LARAUE AIN KOTO LOXE
Ó IA LARAUE

ABIAUA NAKUNA PÁ ODE
O RIKO KO DE

OBI NANÃN IÓ LÓBÓ

NANÃN IÓ OBI NANÃN IO LÓBÓ
NANÃN IÓ

E NANÃN OLUAIE E PÁ E PÁ
E NANÃN OLUAIE E PÁ E PÁ

NANÃN EUA IN NANÃN EUA
E IN NANÃN EUA IN NANÃN EUA

OBI XAXARÁ LEBÉ OBI XAXARÁ
OBI NANÃN IÓ NANÃN IO OLUODO XE XE

Oxum
Saudação: Rorá Yeye ó
Cantigas

IA MINIBU O MIRO DO ORIXÁ OLÊ LÊ

MABOIA IABÔ IA MABOIA IABÔ IA
OMIN JE JE OMI NIBU MABOIA IA BOIA

KEN KE OXUM OMI XORO DO
A INA INA KEN KE OXUM OMI XORODO A INA INA

E FIBÔ E FIBÔ LOIA
Ó LÓ XUN

OXUM KARE OXUM
OXUM KARE UO

OLUDE AKIN INJO KARE PO PO KARE
OLULE KARE OLULE KARE

XÁ OLUDE OMIRODO
OMI RUNDÉ A KAIA

Obá
Saudação: Obá xirê
Cantigas

OBÁ ELEKO AJÁ OSI
OBÁ ELEKO AJA OSI
OROÔ OBÁ SAMO OBÁ
SABA ELEKO AJÁ OSI

TIGI UERE O FAUERE
E IGI UERE O FAUERE EU

E LELUÔ OBÁ MELEJE
OBÁ SABA UO, OBÁ OGUN TÔDE BARI EKÓ
OGUN TÔDE BARI EKÓ

IRU OJÁ PARA MAN
OBÁ LOJÁ LÁ OJÊ

MARRUN MARRUN
OBÁ ODÉ NITA FA
MARRUN MARRUN

Ewá
Saudação: Rinrró
Cantigas

EWÁ EWÁ MAJÔ, EWÁ EWÁ
E ORÓ OIO ORUN LESÉ
EWÁ EWÁ MAJÔ, EWÁ EWÁ

EWÁ NIFA TUT|Ô LOBÊ UAE
OMI UAE

OBÁ SÁ OBA SÁ A MURERE UO
OBÁ SÁ É UM OBÁ SÁ AMURERE

XEKUE XEGAN
EWÁ EWÁ AINHA UO IZO KE SO

BOISA TIN DAN TIN
DAN ADAN NADAN

Oyá
Saudação: Eeparipaa Oyá
Cantigas

**A UN DE
JEKETE A UNDE JEKETE**

**OYA MUXE MIXOYA
JEKETE**

**E BAGAN É BAGAN FÉIE
UM KÉ**

**KE KE IN AGAN MARIÔ
KE KE IN AGAN MARIÔ**

**BIRI BIRI BA AGAN LOJU OBÉ
RIKOMAN MARIÔ**

**BIRI BIRI BIRIO IGAN IGAN
IROKO BIRI BIRI XAURO**

JAMBÊ LÊ JAMBÊ LÁ MUXAXE

Iemanjá
Saudação: Erú iyá
Cantigas

E A OYÔ ÔBÉ WO IEMANJÁ MIRERÊ

**IEMANJÁ OTÔ MANJARÊ
IEMANJÁ OTÔ MANJARÊ WO**

**E LOKO FIO OLU ODO YA KE KERE
E MABALÁ IEMANJÁ IA KEKERE**

**ODO RILÉ IEMANJÁ
ODO RILÉ A OYÔ**

**IYA ONI RUNBA
ORIXÁ LEROJO WE**

**IEMANJÁ SOBÁ SOBÁ MIRERE
SOBA MIRERE WA OYÔ SOBA MIRERE WO**

**A SABA INHA LEBÊ
ORIXÁ INHA INHA**

Sangô

Saudação: kawô, ká biye sí

Cantigas

**ONIÊ AWA DODE ERUN JÉJÉ
IBONA ROKO OSA FONJÁ AWA DODE
ERUN JÉJÉ OLORIPÊ**

**OSI É DA BA IRÁ
A IRÁ LOSIN BÉ LO KÔ**

**A IRÁ DABA KEN KÉ XORO Ô
OLUA MIN SAN MI MÃ SELÉ
ORIXÁ KE LI SEBE WA A IRÁ A IRÁ Ê**

A IRÁ Ô LÊ LÊ A IRÁ Ô LÊ LÊ

**OMONILE A IRÁ MONILE
A IRÁ A IRÁ OMONILE A IRÁ MONILE**

**FIRIMÃ FIRIMÃ, FIRIMÃ BAISÔ
A IRÁ A IRÁ FIRIMÃ BAISÔ**

E BARA OKE BARA OKE BARA OKE BAISO

Oxalá

Saudação: Eepaá babá

Cantigas

**E AINA KO MODA AGUÉ MARÊ
OLOFI MODA GUÉ AIWA KOLOJÁ
AGUÉ MARÊ AINA KO**

**O PERE KETÊ OPERE KETE UN ALÁ
IBI ALÁ LA DO INGENA OPEREKETÊ BABA**

**E AXÓ TUTU GOIA FIN ALÁ FUN FUN
D'ORIXALÁ AÊ AJALEÔ ALÁ FUN FUN
D'ORIXALÁ**

**AJAGUNÃ BABA WÔ AJAGUNÃ
ELEMÁXÓ BABA OLOROGUN AJAGUNA BABA WÔ**

**E E Ê BABA KÓBA JÓBA KOLÊ
OXOGUIÃ IBI OXALÁ KEJÁ**

E AJAGUNA BITI OLÊ AJAGUNA BITI Ô

E ORIXÁ DANKÔ , PARA MIN DANKÔ

Entrevista

Entrevista com a Yalorixá Juliana de Azawane, em seu Kwe Ceja Undèláyè, no bairro de Jardim Guanabara, Ilha do Governador – RJ. Mãe Juliana também é Economista formada pela PUC – RJ, e exerce sua profissão até os dias de hoje.

Liguei primeiramente para Mãe Juliana, pois uma amiga de longa data é filha de santo de mãe Juliana. Ela marcou comigo às 14 horas no seu terreiro, que se situa no bairro de Jardim Guanabara, área nobre da Ilha do Governador. Chegando lá, vi pela porta de vidro que mãe Juliana estava em um quarto pequeno, de uns 10 metros quadrados, sentada em uma mesa, jogando búzios para um cliente. Quem abriu a porta para mim foi uma Ekede, cargo de confiança dentro do terreiro exercido somente por mulheres, que segundo mãe Juliana me explicou, ela não incorpora orixás, a sua única função é vesti-los nas cerimônias, desvirá-los depois e cooperar com os afazeres do terreiro. Sentei na área aberta do terreiro – Devia ter uns 150m². Havia várias portinhas, como se fossem casinhas, umas do lado das outras, que ao perguntar a ekede do que se tratava, ela me respondeu: São o quarto dos Orixás. Perguntei: Posso fotografá-los? Ela disse: Não... Somente pessoas iniciadas podem entrar ali. Logo após ela me dizer isto, a ekede se dirigiu até a porta de vidro aonde estava mãe Juliana, bateu devagar e colocou a só a cabeça pro lado de dentro, com certeza para avisá-la de que eu já havia chegado. Logo após isso, me ofereceu café fresco e água.

Cerca de 30 minutos depois, eis que surge Mãe Juliana de Azawane em minha direção com simpático sorriso, pedindo desculpas pela demora. Argumentou: Em Jogo de búzios nós nunca podemos prever exatamente a hora que vai terminar... Uns terminam antes, outros depois...

Juro que minha impressão era completamente oposta à que vi. Achei que fosse encontrar uma senhora de seus 50 anos, acima do peso, de pele negra e com aquelas roupas de baianas que vendem acarajé. Mas a visão que tive foi contrária: Uma mulher bonita, aparentando 35 anos, de estrutura corporal normal e pele parda. Sem baiana, sem guias no pescoço, sem nada. Somente uma saia comprida e larga de cor branca de pano simples (parecia algodão), uma camiseta branca Hering e um turbante na cabeça.

Logo após uma breve conversa, ela gentilmente me convidou a ir até o salão do terreiro, aonde são feitas as cerimônias festivas aos Orixás. Do lado direito haviam três atabaques, um grande, um médio e um pequeno. Havia bancos de madeira em volta de todo o salão. Ela se sentou em uma cadeira de vime grande, coberta com um pano rendado branco, enquanto eu me sentei ao seu lado, em uma cadeira de vime, menor que a dela, também com um pano branco em cima. E aí começamos a nossa entrevista...

Roberta: Boa tarde, Mãe Juliana...

Mãe Juliana: Boa tarde, minha filha...

R: Bem, mãe Juliana, vamos começar sabendo um pouco de sua história. Como a senhora entrou no culto aos Orixás?

MJ: Bem, tudo começou há 20 anos atrás, quando tive que ser iniciada às pressas para o Orixá Obaluaye. Estava com sérios problemas de saúde e os médicos tinham me desenganado aos meus pais...

R: Mas o que a senhora tinha?

MJ: Tinha muitas dores de cabeça, tonturas e desmaios. Os médicos detectaram um aneurisma. Naquela época a medicina não estava tão avançada, então eu pedi à minha mãe que me levasse para casa, já que era pra sofrer, que sofresse ao lado de pessoas que me amavam. E assim ela fez. Eu urrava de dores de cabeça, meus pais já não sabiam mais o que fazer... Aí um belo dia a minha tia-avó, a Tia Maricota, que era mãe de santo e morava em Salvador, ficou sabendo do meu estado de saúde. Meus pais sempre foram católicos, e embora eu fosse adolescente na época, nunca tive afeição à religião alguma. Só acreditava em Deus e ponto final. E quando meus pais falavam muito nos meus ouvidos eu ia no domingo pela manhã até a igreja... Mas voltando ao assunto da Tia Maricota, ela disse à minha mãe que iria consultar os búzios para ver o que estava acontecendo, pois ela estava achando esta doença muito esquisita. Em 6 meses eu deflinhei. Não falava coisa com coisa. Assim que ela obteve o resultado dos búzios, ligou correndo pra minha mãe dizendo que era pra que me levasse até Salvador o mais rápido possível. Como não tínhamos condições financeiras para arcar com a viagem, pois teria que ser de avião, senão eu não suportaria a estrada, estava inviável. Além do mais a minha mãe não acreditava e não gostava disso. Aí, minha tia, vendo que não havia solução, pegou um ônibus de lá de Salvador e veio pra cá...

R: E aí? Ela lhe curou?

MJ: Esse processo foi muito difícil, tanto pra mim quanto pra minha família. Minha mãe não aceitava de forma alguma, meu pai muito menos... Mas chegou um ponto em que eles me viram em um estado tão crítico que foram obrigados à dar o braço a torcer.

R: E como ocorreu a sua iniciação?

MJ: Foi no barracão de um filho de santo da minha tia, o Pedrinho de Oxalá, que minha tia me raspou. Não tínhamos condições pra nada, nada... Minha tia veio praticamente com o dinheiro da passagem de volta e mais alguns trocados. Meus pais, como eu disse, não tinham condições. A minha sorte é que os Orixás não nos desamparam nessas horas e fizeram tudo aparecer pra minha feitura.

R: Aparecer? Como assim?

MJ: Nessas horas, sempre aparecem pessoas do meio dispostas a ajudar. Um dá um quilo de canjica, o outro dá dois quilos de pipoca, outro dá o tecido da roupa, outro dá uma galinha... E por aí vai...

R: E depois de conseguir o material necessário, a senhora finalmente conseguiu se iniciar?

MJ: Sim, consegui. E foi tudo maravilhoso. Se precisasse, faria tudo de novo. Não me arrependo de nada.

R: E após ter se iniciado, a sua saúde melhorou?

MJ: Quando eu estava recolhida, achava que iria morrer no início. Mas com o passar dos dias fui conhecendo o meu Orixá, vendo do que ele é capaz... E logo após os 1 ano de clausura, fui fazer outro exame, já me sentindo 100% melhor. E o médico quase desmaiou quando disse: Meu Deus, eu quero outro exame! Não pode ser possível! Aí eu lhe disse: Tudo é possível diante do meu pai Obaluaie... (risos). Aí fizemos mais exames, e nada. Fiquei curada.

R: Impressionante... Até eu estou pasma! Mas e a questão de ficar careca, tendo que andar de roupas brancas pelas ruas... Isto não deixou a senhora indecisa? Pela questão da feminilidade, da vaidade...

MJ: Olha, pra ser sincera, no início eu até me preocupei um pouco sim. Mas depois que me vi piorando a cada dia, ficar careca era lucro perto do estado que eu estava.

R: E quanto à matança de animais... O que a senhora me diz disto? É realmente necessário?

MJ: É necessário sim... Pois através da imolação dos animais, você transmite à eles todos os seus problemas e energias negativas. E também faz seus pedidos.

R: Mas, os orixás não podem ouvir seus seguidores de outra forma?

MJ: Podem, mas isto é uma oferenda para o orixá, é um presente...

R: Mas o que os orixás realmente se aproveitam na morte dos animais?

MJ: Minha filha, você não precisa comer para ter energia em seu corpo, e sendo assim, poder cuidar da sua vida, trabalhar, estudar, enfim, correr atrás de seus objetivos? Então, com o orixá é a mesma coisa. Só que as pessoas têm uma idéia errônea da religião, acham que saímos por aí metendo a faca no pescoço de qualquer bicho que vemos por aí... E não é assim. Toda a carne dos animais depois é consumida pela comunidade.

R: Mas então, com que os orixás ficam? Só com o sangue?

MJ: Com o sangue, os miúdos, os pés e as pontas, além da cabeça. O restante, como falei, a comunidade come. Nada é desperdiçado.

R: E quanto ao culto aos orixás nas festas... É permitido fotografar?

MJ: Em algumas casas ainda não é permitido fotografar ou filmar, mas na minha casa não vejo problema. Pôxa, é um momento especial na vida do yawo, ele quer guardar uma recordação daquilo. Tudo bem, existem coisas que não se pode bater foto ou filmar, mas na festa, não há problema.

R: E a senhora vê hoje em dia o candomblé menos marginalizado do que antigamente?

MJ: Nossa! A coisa hoje em dia mudou muito de figura... Na minha época, você mal falava que era de candomblé, era um preconceito danado... Se bobeasse, ia até preso! Mas hoje em dia é moda ser do santo, andar com fio de conta do lado de fora da roupa, se consultar com exu, caboclo, vir jogar búzios...

R: Então a coisa melhorou 100%?

MJ: Melhorou por um lado, mas piorou por outro. Assim como há muita divulgação, muita informação na praça em livros, revistas, televisão e até na Internet, existem muitas pessoas inescrupulosas que se aproveitam disto e se denominam pseudo-babalorixás. E também existem os que nem uma água de batata receberam na cabeça e já querem ficar dando aulas pros mais velhos. É uma falta de respeito só... É menina indo pra candomblé de minissaia, barriga de fora, calça jeans justíssima, com um decote quase no umbigo, e ainda por cima se acha no direito de entrar na roda... Eu aviso logo: Na minha casa, não! Pode ir vestida assim pra um baile funk, pra uma boate... mas isto não é roupa adequada pra se ir à um candomblé. Essas meninas que vêm assim, podem estar acompanhadas de quem for, voltam do portão mesmo.

R: ...Ô mãe Juliana, o que é “água de batata”? É a água de batata literalmente utilizada nos cultos do candomblé?

MJ: (risos)... Não, minha filha... Quando dizemos “água de batata”, quer dizer uma obrigação mínima, alguma coisa já feita na cabeça da pessoa para o seu orixá... Entende?

R: (risos)... Entendi... Mas mãe Juliana, e quanto à elitização do candomblé como forma de cultura, qual o seu ponto de vista?

MJ: Bem, acho ótimo como forma de difundir a nossa religião, mostrar que não existem mais ignorantes como antigamente... Hoje o índice de analfabetismo dentro do candomblé é mínimo. Há um índice maior de analfabetismo entre os evangélicos do que entre os candomblecistas, segundo o último censo. A média dos seguidores do candomblé têm no mínimo o segundo grau. Contando que hoje em dia, quem consegue concluir seus estudos é um felizardo...

R: Por falar em estudos, Mãe Juliana, a senhora é formada em economia, correto? A sua filha de santo Marlene que me contou...

MJ: Pois é, sou economista formada pela PUC e com pós-graduação na mesma universidade. Agora estou pensando em um MBA pela FGV...

R: Mas dá pra conciliar o sacerdócio com os estudos e o trabalho?

MJ: Se você for organizada e tiver metas em sua vida, tudo é possível. Eu sou totalmente esquematizada. Tudo pra mim tem data e hora. Tanto que eu já planejei fazer o MBA só no fim do ano, pois estarei recolhendo um yawo daqui há duas semanas e depois vou ajudar no terreiro de um filho de santo, que estará para tirar o seu primeiro barco de yawo, e logo após este, tem uma obrigação de 7 anos de iniciado em um filho de Ogun que precisarei dar. Ou seja, só vou ter tempo mesmo no fim do ano...

R: Olha, mãe Juliana, foi uma grande honra poder entrevistar a senhora, aprender um pouco sobre o culto aos orixás e poder contar com a sua ajuda neste trabalho.

MJ: O prazer foi todo meu, e não deixe de ir na festa da saída de yawo do meu filho de santo, para poder tirar as tais fotos que você precisa para seu trabalho.

Conclusão

A força se espalhou, o axé cresceu e apareceu na sociedade sob a forma dos terreiros de candomblé (religião de negros yorubá como é definido no Dicionário de Aurélio Buarque). Era coisa de negros, portanto escusa, ignorante, desprezível e rapidamente traduzida como coisa ruim, coisa do diabo, bem e mal, certo e errado, branco e preto. Antagonismos opressores, sem possibilidades alternativas. O negro resolveu tentar agir como se fora branco, para ser aceito. Ele dizia:

- meu Senhor, a gente tá tocando para Senhor do Bonfim, seu Santo, nhô! Não é para Oxalá, quer dizer, Oxalá é o Pai Nosso, é o mesmo que Senhor do Bonfim. Sincretismo. Forma de resistência que criou grande onus, severas cicatrizes desfiguradoras. O processo social, a dinâmica é implacável. A imobilidade não se mantém. O filho do africano já dizia que não confiava em negro brasileiro (o sîgîdî, por exemplo, um encantamento de invisibilidade e criação de elemental, não foi ensinado). Muito se perdeu, a terra africana reduziu-se a pequenos torrões, o candomblé era eficaz; o Senhor procurava a negra velha para fazer um feitiço, para que lhe desse um banho de folha, lhe desse um patuá. Proliferação de terreiros. Massificação, turismo, folclore.

Mas os grandes iniciados, iguais àqueles criadores da terra africana no Brasil, ainda existem. Odé Kayode - Mãe Stella de Oxossi, em 1983, dizia: "lansã não é Santa Bárbara", e explicava. Mostrou que candomblé não era uma seita, era uma religião independente do catolicismo. A terra tremeu; algumas pessoas falavam: "- sempre fomos à missa, sempre a última benção, depois da iniciação, era na Igreja, fazemos missa de corpo presente quando alguém morre, não pode mudar isso". Era a tradição alienada versus a revolução coerente, era a quebra do último grilhão. A represa foi quebrada e as águas fertilizaram os campos quase estéreis da sobrevivência. O negro é livre.

Veio da África, tem uma história, tem uma religião igual à qualquer outra e ainda, não é politeísta, é monoteísta: acima de todos os Orixás está Olorum.

Nina Rodrigues conta que uma vez perguntou a um Babalorixá porque ele não recebia Olorum, já que este existia. Ouvindo a seguinte resposta: "- Meu Doutor, se eu recebesse, eu explodia".

Agora um novo limite, uma nova configuração se instala. Neste fim de século com a corrosão das instituições religiosas tradicionais, com o surgimento de novas religiões, com as doutrinas esotéricas alternativas, o candomblé, agora considerado religião, é visto também como uma agência eficiente: Resolve problemas, cura doenças, acalma as cabeças. Os brancos querem ser negros, já não se ouve "o negro de alma branca", agora o privilégio é ser um branco de alma negra, ter ancestralidade, "ter enredo, história com o Santo". Mais do que nunca as Iyalorixás e Babalorixás se questionam. As armadilhas, os "caça-fugitivos" estão instalados. São os congressos, a TV - é a mídia - os livros, a 'web', em certo sentido. Tudo isto é transformado, por nós, em pinças para

separar o joio do trigo, por isso estamos aqui. Dizendo o que somos, damos condição para que se perceba o que está posto e se entenda o suposto, o oposto e o apostro. Diferenciação é conhecimento, candomblé é religião, não é seita.

As Iyalorixás organizam as cabeças. O processo de organização do ori é awo (segredo). O candomblé é uma religião que trabalha com o segredo, o lado mudo do ser, o que a Olorum pertence. O candomblé organiza o fragmentado, abrindo canais de expressão para o ser humano.

Coberturas Fotográficas

Saída de iniciação do Yawo de Oxaguian



Saída de Iniciação do Yawo de Logun-Edé



Saída de iniciação da Yawo de Yansã



Saída de iniciação da Yawo de Yansã



Saída de iniciação da Yawo de Omolu



Saída de iniciação da Yawo de Omolu



Assentamento dos orixás Omolu, Nanã e Oxumarê



Saída de Obrigação de 7 anos de Oxossi



Saída de obrigação de 3 anos do orixá Oxóssi



Obrigação de 3 anos de um yawo de Ogun



Bibliografia

BASTIDE, Roger - Estudos Afro-Brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BASTIDE, Roger et VERGER. Pierre Fatumbi - “Contribuição ao Estudo da Adivinhação em Salvador (Bahia)”. In Olóòrisà: Escritos sobre a Religião dos Orixás. São Paulo: Ágora, 1981.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo - “Bruxaria, Oráculos, Magia e Feitiçaria no Tambor de Mina do Maranhão”. In Comunicações do Iser (Nº 30). Rio de Janeiro: Iser, 1988.

GLEASON, Judith - “Ojá: A Deusa Negra da África”. In O Novo Despertar da Deusa: O Princípio Feminino Hoje. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

LODY, Raul - O Povo do Santo: Religião, História e Cultura dos Orixás, Voduns, Inquices e Caboclos. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

LODY, Raul - Tem Dendê, Tem Axé: Etnografia do Dendezeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

LODY, Raul - Santo Também Come: Estudo Sócio-Cultural da Alimentação Cerimonial em Terreiros Afro-Brasileiros. Rio de Janeiro: Artenova, 1979.

PRANDI, Reginaldo - “As Artes da Adivinhação: Candomblé Tecendo Tradições no Jogo de Búzios”. In As Senhoras do Pássaro da Noite. São Paulo: Edusp, 1994.

SANTOS, Juana Elbein - Os Nàgô e a Morte: Pàde. Àsèsè e o Culto Égun na Bahia. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

VERGER, Pierre Fatumbi - Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo de Benin e a Baía de Todos os Santos. São Paulo: Corrupio, 1987.

VERGER, Pierre Fatumbi - “Os Mercados Nagôs”. In Artigos (Tomo I) Salvador: Corrupio, 1992.

VERGER, Pierre Fatumbi - “As Mulheres e o Candomblé da Bahia”. In Artigos (Tomo I) Salvador: Corrupio, 1992.

VERGER, Pierre Fatumbi - Lendas dos Orixás. Salvador: Corrupio, 1981.

VERGER, Pierre Fatumbi - Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. São Paulo: Corrupio, 1993.

VERGER, Pierre Fatumbi - “Bori, Primeira Cerimônia de Iniciação ao Culto dos Òrìsà Nàgô na Bahia, Brasil”. In Olóòrisà: Escritos sobre a Religião dos Orixás. São Paulo: Ágora, 1981.



Faculdades Integradas Hélio Alonso

Professor: Jandira Martins

Matéria: Comunicação

5º Período – Noite - Campus: Bispo
Rio de Janeiro, 20 de Junho de 2002.

Aluna: Roberta Buzar